



Valores sociais cristãos em sindicatos e organizações de trabalhadores europeus

36 blocos para uma melhor vinculação
dos valores sociais cristãos ao trabalho sindical -
lições da pandemia



Com o apoio financeiro
da União Europeia

O presente texto reflete apenas a opinião do autor.
A Comissão Europeia não se responsabiliza pela utilização
das informações nele contidas.

A publicação foi cuidadosamente criada e controlada.
No entanto, todos os conteúdos são fornecidos sem garantia.
Está excluída qualquer responsabilidade dos colaboradores
ou do EZA pelo conteúdo desta publicação.

AVISO LEGAL

Editor: Centro Europeu para Assuntos dos Trabalhadores,
Königswinter
www.eza.org

Autor: Andreas Gjecaj

Tradução: Paulo Gago Martins

Design: HellaDesign, Emmendingen, www.helladesign.de

Ilustração: © Klaus Puth, Mühlheim/Main, www.klausputh.de

Impressão: Druckerei Eberwein, Wachtberg-Villip

Versão: Março de 2022

ÍNDICE

Nota prévia	5
Prefácio	6
Secção 1: VER	9
Bloco 1: Um fresco antigo	9
Bloco 2: Crise climática e guerra	10
Bloco 3: Supressão da realidade	12
Bloco 4: Páscoa 2.0	13
Bloco 5: Nova normalidade	14
Bloco 6: Saídas da crise	15
Bloco 7: Era da pós-verdade	16
Bloco 8: À lupa	17
Bloco 9: Sustentabilidade	18
Bloco 10: Claúdia	19
Bloco 11: Sociedade dividida	21
Bloco 12: O Menino Jesus	22
Secção 2: JULGAR	23
Bloco 13: O que entendemos por “doutrina social cristã”?	23
Bloco 14: A “questão social”	25
Bloco 15: Diálogo	26
Bloco 16: Rota da doutrina social – Introdução	27
Bloco 17: Primazia do ser humano	28
Bloco 18: Bem comum	30
Bloco 19: Distribuição justa	31
Bloco 20: Subsidiariedade	32
Bloco 21: Democracia viva	33
Bloco 22: Solidariedade	34

Bloco 23: Sustentabilidade	36
Bloco 24: Rota da doutrina social – Conclusão	37
Secção 3: AGIR	40
SER MAIS DIGITAL: o futuro do trabalho na era digital	41
Bloco 25: A revolução digital	41
Bloco 26: Questões centrais da digitalização	44
Bloco 27: Campos de ação da digitalização	45
SER MAIS ECOLÓGICO: Economia de mercado ecossocial como modelo de futuro	48
Bloco 28: Crises ameaçadoras	48
Bloco 29: Encontrar um novo equilíbrio	51
Bloco 30: Oportunidade climática	53
SER MAIS SOCIAL: Família; equilíbrio entre vida profissional e pessoal	55
Bloco 31: Famílias em crise	55
Bloco 32: A família como local de aprendizagem	56
Bloco 33: Política social cristã da família	56
Bloco 34: Rede internacional – EZA	59
Bloco 35: Social-cristão como marca	60
Bloco 36: Paz	62
Posfácio	65
Sobre o autor	67
Bibliografia	68

NOTA PRÉVIA

Caros leitores e leitoras,

A pandemia de Covid-19 – como nenhum outro acontecimento desde a II Guerra Mundial – virou o mundo inteiro de cabeça para baixo, mudou completamente a nossa vida na Europa de uma forma que, provavelmente, a maioria de nós não teria imaginado nem em cenários de ficção científica.

Como cidadãos europeus, apesar de todas as medidas de apoio, sentimos o impacto social e económico. Muitas vezes, as medidas tomadas foram criticadas por serem injustas e ineficazes. A pandemia comprometeu significativamente o bem-estar mental de todas as faixas etárias. A confiança nas instituições regrediu dramaticamente. Ao mesmo tempo, no entanto, muitos questionaram legitimamente se a pandemia ofereceria a oportunidade de alterações profundas no nosso sistema social e económico.

Andreas Gjecaj, Secretário-geral da Fração de Sindicalistas Cristãos (FCG) da Confederação Sindical Austríaca (ÖGB) analisou a época atual na perspectiva de um sindicalista e com os óculos dos princípios da doutrina social cristã em 36 “blocos de construção” e tentou demonstrar como os valores sociais cristãos também podem oferecer uma orientação para que não desperdicemos a oportunidade de uma “nova normalidade”. Em nome do EZA, o nosso muito obrigado.

Sigrid Schraml

Secretária-Geral do EZA

PREFÁCIO

“O mundo está fora dos eixos” (William Shakespeare, Hamlet)

No início do século XXI, cada vez mais pessoas na Europa e em todo o mundo parecem estar a perceber: o mundo já não é o mesmo da nossa infância. E mais: nunca mais irá voltar a sê-lo! Quase parece que as crises cada vez mais generalizadas deixaram de ser a exceção ao “mundo normal”, mas o novo normal.

As tentativas de descrever o nosso presente e, sobretudo, o nosso futuro são cada vez mais: Fala-se da era digital, da globalização que transforma o nosso mundo numa aldeia, da inteligência artificial ou de realidades virtuais... O que resta é a perceção de que cada descrição cria apenas um novo nível de confusão.

E a nossa vida continua. No início do 3.º milénio, os sindicatos e outras organizações de trabalhadores continuam a representar os interesses dos seus membros, a lutar pelos direitos dos trabalhadores e a criar equilíbrio através de negociações no diálogo social, assegurado por acordos coletivos.

Todos os anos, o Centro Europeu para Assuntos dos Trabalhadores (EZA) realiza inúmeros seminários em toda a Europa que reforçam o “diálogo social” como componente fundamental do “Pilar Europeu dos Direitos Sociais” bem como a capacidade de ação das organizações membro. Desta forma, tem vindo a estabelecer há mais de 35 anos uma rede em toda a Europa.

Todas as organizações membro do EZA têm em comum o facto de se descreverem como independentes de partidos políticos e orientadas para os valores. A “fundação de valores” comum aos sindicatos e outras organizações de trabalhadores membros do EZA é a orientação para a “doutrina

social cristã”, embora isto seja pronunciado e expresso de forma muito diferente em cada país.

Num seminário do EZA realizado em Espanha na primavera de 2022, estabeleceu-se que “os valores sociais cristãos” soam antiquados em dois aspetos: Em primeiro lugar, a concorrência internacional – que nos afeta agora a todos como resultado da globalização da economia – está relacionada, sobretudo, com a concorrência e a competitividade. O Credo do século XXI parece ser que quem invoca valores já perdeu. Em segundo lugar, os sindicatos devem representar apenas os interesses dos seus membros e as ideologias ou religiões, como o cristianismo, são consideradas um “assunto privado” sem lugar no mundo do trabalho moderno.

Muitas organizações membros do EZA, incluindo a Krifa (Kristelig Fagbevægelse) e WOW (World Organisation of Workers), manifestaram-se resolutamente contra esta visão do mundo: “Os sindicatos são motivados e inspirados pelos seus valores. Estes formam a base das suas estruturas. Possuir valores bem definidos é motivador e reforça as atividades. Nas últimas décadas, tornou-se cada vez mais claro que é muito desafiante para os sindicatos adaptar as suas atividades e estratégias a esses valores.” (Valência, 2022)

Esta brochura do EZA não se destina apenas a descrever teoricamente os nossos valores cristãos-sociais, mas também a incentivar a prática sindical em que as ações correspondam aos valores correspondem e os valores sejam vividos! O texto segue o método “VER - JULGAR - AGIR” desenvolvido e praticado pelo padre trabalhador belga e posteriormente cardeal Joseph Cardijn no século XX.

Foram utilizados deliberadamente textos breves que, como “blocos de construção”, constituem um convite constante para dar a mão, para entender um ou outro bloco como uma “ferramenta” e ajudar a construí-lo. Num dossier sobre o tema: “Estaleiro de obras: doutrina social”, o antigo diretor da Academia Social Católica da Áustria, o Padre Alois Riedlsperger,

escreve: “Mais do que nunca, temos consciência de que o estaleiro de obras de todos é um mundo – e a questão para o futuro é se será possível construir um mundo habitável para todas as pessoas.”

Secção 1: VER

Segundo a tríade de Joseph Cardijn, VER significa: No início do 3.º milénio, a humanidade enfrenta enormes desafios. Antes que a “doutrina social cristã” dê uma resposta – talvez demasiado apressada – às questões urgentes do presente e do futuro, é preciso olhar mais de perto. As situações de injustiça, as condições e estruturas sociais que contradizem a vontade de justiça da mensagem bíblica devem ser denunciadas de forma consciente. Onde, por exemplo, a dignidade humana e os direitos humanos são violados e onde as condições sociais e políticas restringem ou mesmo destroem a vida humana, é aí que nos devemos tornar ativos.

BLOCO 1: Um fresco antigo

Na parede exterior sul da Catedral de Graz, a capital do Estado Federado de Steiermark, na Áustria, encontra-se a “Landplagenbild”, a “imagem da praga de Deus”, um fresco trabalhado no reboco exterior da igreja por Thomas von Villach em 1485. Na altura, o Estado de Steiermark estava a passar por extremas dificuldades e o autor retratou três catástrofes: a peste, os gafanhotos e a guerra com os Turcos. Por outras palavras: epidemia, meio ambiente e guerra. Com o título “Wirkliches, Wichtiges und Vergängliches” (“Real, Importante e Efémero”), o Prof. Dr. Manfred Prisching, sociólogo da Universidade de Graz, membro da Academia Austríaca de Ciências, em março de 2022, reflete sobre esta imagem: epidemia, meio ambiente e guerra!

Quinhentos anos mais tarde, a experiência existencial é a mesma: três ameaças fundamentais à existência humana. Estas ameaças à vida escaparam um pouco da nossa consciência.

A primeira reflexão: “As pessoas têm corpos. Também são uma espécie que luta pela sobrevivência. Na maior parte do tempo, suprimimos com

êxito a fisicalidade banal do homem, bem como a morte. Os corpos são uma questão de bem-estar e beleza, médicos e comprimidos. Finalmente, somos uma sociedade de progresso e do conhecimento. Prolongamento da vida, Human Enhancement”. Cura do cancro. Vida quase eterna. Já não nos preocupamos muito com a transitoriedade da vida, que a cruz de cinzas da Quarta-feira de Cinzas (início da Quaresma) pretende recordar. Então, aparece um pequeno vírus que não podemos controlar, mas contra o qual lutamos durante algum tempo com métodos do final da Idade Média. Até à altura, as epidemias estavam (fisicamente) muito longe: o ébola em África. Aqui, isso não acontece. Mas aconteceu. Ainda não ultrapassámos os perigos da epidemia. A transição de epidemia para endemia não significa banalização, mas constitui uma mensagem de rendição: desistimos da luta. Esta coisa permanece, é relativamente pacífica no momento, mas pode transformar-se num assassino em massa a qualquer momento. Não podemos escapar à evolução. A maioria das pessoas percebeu, afinal o sofrimento e a morte estavam nos noticiários todas as noites. No entanto, muitos esforçaram-se por esquecer tudo o mais rápido possível.”

BLOCO 2: Crise climática e guerra

O Prof. Prisching descreve as duas ameaças adicionais à nossa existência da seguinte forma:

A segunda reflexão: “O meio ambiente é a base da existência. Durante muito tempo também suprimimos a dependência banal do habitat, o mundo e os seus recursos pareciam infinitos. Há décadas que existem estudos que preveem escassez, mas isso também parecia longe (temporalmente): só vai acontecer mais tarde. Apocalipses futuros. Mas, então, começámos a notar: o clima mais quente, eventos climáticos extremos, poluição oceânica - todo o catálogo. Recentemente, mas apenas recentemente, a sustentabilidade está em todas as bocas. Decide-se rapidamente entrar no “século verde”, o Green Century com energia eólica,

solar, hídrica e equipamentos elétricos. (De qualquer forma, sem o gás russo, não temos muitas alternativas.) Mas a referência à realidade permanece desacelerada. Os automóveis elétricos utilizam combustíveis fósseis adicionais; o problema do armazenamento de vento e sol continua por resolver; as inúmeras linhas de alta tensão não existem e em todo o mundo o consumo global de combustíveis fósseis duplicará, no mínimo, nas próximas décadas. Na realidade, estamos num Black Century. No entanto, pelo menos foram tomados esforços e, na maioria, estão a ir na direção certa. Anunciar apenas que a transformação será uma situação em que todos ganham é um resquício irreal de tempos melhores e, em pormenor, causa tentações ilusórias: a política climática só funciona se ninguém for ameaçado.”

A terceira reflexão: “A guerra é normalidade. A Europa do presente era uma anomalia histórica. Três quartos de século de paz e prosperidade (com exceção das guerras dos Balcãs) é uma raridade quando se olha para a História, uma exceção histórica que não iria durar mais décadas. A probabilidade de guerra aumenta simplesmente com o colapso de impérios, como atualmente. A Europa acreditou incessantemente na sua retórica de “nunca mais” e, ao mesmo tempo, permitiu-se o luxo da fragmentação e da divisão. Os EUA tornaram-se uma democracia danificada, o que minou a posição de todo o Ocidente. A percepção externa dos estados europeus era: questionáveis, inseguros, moralizadores, incapazes de tomar decisões. E, do ponto de vista militar, não têm qualquer peso. Esta é uma situação usada nos cálculos do «realpolitik».

Assim, voltámos também à normalidade da guerra. A guerra de Putin chegou mais rápido do que esperávamos. Em Putin, unem-se de uma forma contraditória o pensamento sobre a História e o Poder (o “império”), a metafísica (a “santidade” do russo) e a lógica dos serviços secretos (a mentira, a repressão e os assassinatos como “instrumentos”). O Ocidente tem dificuldade em lidar com tal mundo de ideias, mas a demarcação deste pensamento torna-se mais fácil quanto mais claro se torna. Também não é o pensamento do “Ocidente”: Admiramos o heroísmo de quem pega

em armas no seu país e de quem protesta junto do agressor sabendo que será preso imediatamente. No Ocidente, pelo menos por enquanto, em vez de desunião e hesitação, assistimos a uma unidade e força inesperadas nos estados ocidentais. A crise também pode dar força. Dialética histórica: Talvez Putin, o “assassino”, sem querer, esteja a ajudar a salvar o mundo ocidental.”

BLOCO 3: Supressão da realidade

O resumo das três imagens que podem ser encontradas no fresco são um convite do Prof. Prisching, para meditar durante alguns minutos sobre o real, o importante e o efêmero: “A supressão da realidade torna-nos fracos. Os mundos árabes, russos e chineses convenceram-se que o Ocidente é decadente. Em alguns aspetos, têm razão. Se libertarmos o termo de toda a confusão cultural e de estilo de vida, a decadência pode significar: um estado em que as próprias condições de vida deixaram de ser reconhecidas e mantidas como tal e em que uma ordem social deixa de poder mobilizar a resiliência suficiente para lidar com crises.

No nosso caso, são os desafios reais das epidemias, do meio ambiente e da guerra. Podemos alhear-nos destas realidades: o vírus passou, a sustentabilidade está praticamente resolvida e, na realidade, esta guerra não é nossa.

As tendências para a negação são alimentadas pelos êxitos. Acostumados a uma vida de prosperidade e segurança, temos a sensação de ter escapado às agruras da vida. Então, perdemo-nos nas coisas sem importância e em ninharias, escondemo-nos de ambientes hostis, deixamos desvanecer as estruturas de relevância, a capacidade de distinguir entre o que é importante e o que não é importante. A incerteza generalizada realça a atratividade de sistemas de pensamento fechados. Em última análise, colidem apenas com os dogmas (e a intransigência). As pessoas afastam-se da realidade.

Talvez as crises continuem a ajudar? Quando a capacidade de aprendizagem normal de um sistema está paralisada, as crises podem ser o último fenómeno através do qual os problemas são transportados para os domínios da perceção, compreensão e processamento. Talvez estejamos a lidar com manifestações atuais dos três perigos básicos que Thomas von Villach retratou nas imagens da sua época: epidemias, meio ambiente e guerra, com impulsos suficientemente fortes para incutir mais seriedade na Europa. Existem elementos de esperança, cooperação e capacidade de aprendizagem nos três domínios, pelo menos na sociedade dominante. Aplica-se o velho ditado de que nenhuma crise deve ser inexplorada. Algumas evoluções na unidade e na consciência devem ser sustentáveis para além das semanas e meses seguintes.

O tema dominante dos anos de 2020 e 2021 era a pandemia mundial de Covid-19. Os blocos seguintes destinam-se a ajudar a aperfeiçoar a nossa perspetiva e a analisar com a maior precisão possível o que a pandemia fez à nossa sociedade.

BLOCO 4: Páscoa 2.0

No início do século XXI, parecia ter despontado a “era digital”: As forças de ligação social de famílias, associações, igrejas e Estados diminuíram e, em vez disso, formaram-se enxames na Internet. Os cidadãos tornaram-se “seguidores”. Então, veio o coronavírus! E, de repente, a nossa vida pareceu ter perdido toda a validade.

Uma infeção viral, contra a qual não existiam medicamentos ou vacinas na primavera de 2020, mudou tudo. Tal como na maior parte do mundo, a vida pública na Áustria estagnou. As ruas e praças anteriormente cheias de vida ficaram vazias subitamente, os cidadãos ficaram em casa e acompanharam com interesse as conferências de imprensa do governo.

Alguma vez na história da humanidade aconteceu algo parecido? No livro do Êxodo, a Bíblia descreve o povo de Israel, que, com a ajuda de Deus, libertou-se da escravidão no Egito fugindo pelo mar e vagueando no deserto durante meses. Nada mais era válido, tudo tinha que ser reorganizado. Moisés subiu ao monte Sinai. Regressou mais tarde com os 10 Mandamentos. Mas as pessoas que esperavam reclamaram porque não sabiam se e quando voltaria e pediram a seu irmão Aarão para fazer alguma coisa. Este mandou recolher e derreter as joias de ouro e surgiu o “Bezerro de Ouro”!

Hoje, não há Moisés à vista que segure nas mãos os “10 mandamentos da era digital”. Ao mesmo tempo, vemos a confiança nas bolsas de valores a esvaír-se e o preço do ouro a subir em todo o mundo. A Quaresma e a Páscoa de 2020 foram completamente diferentes. Na Quarta-feira de Cinzas, a cruz de cinza na testa lembra-nos que somos efémeros. Mas o cristianismo celebra na Vigília Pascal que a última palavra não é da morte, mas da vida. Vaclav Havel afirmou: “A esperança não é a convicção de que algo dará certo, mas a certeza de que algo faz sentido, independentemente dos seus resultados!” A maioria das pessoas na Áustria foi obrigada a celebrar a Páscoa sozinha – ligadas umas às outras apenas por meios modernos – a Páscoa 2.0!

BLOCO 5: Nova normalidade

Na Áustria, existe a tradição de cantar canções em dialeto: “Não tenho ideia de para onde quero ir, mas em vez disso chegarei mais rápido”, cantou o artista de cabaré austríaco Helmut Qualtinger em dialeto no seu papel de “homem selvagem numa moto” na década de 1950. Depois de duas guerras mundiais, a Europa estava em ruínas, a Áustria estava ocupada com a reconstrução e os cabarés estavam no seu apogeu. Apenas em comparação direta fica claro o quanto a situação na primavera de 2020 era completamente diferente e quanto qualquer “retórica de guerra” e indignação era inadequada. As medidas do governo para pro-

teger a saúde da população austríaca foram muito bem-sucedidas e para os céticos e teóricos da conspiração aplica-se: a comparação dos números dá certeza!

Não há dúvida de que, após o isolamento do coronavírus, a maior crise económica global desde a II Guerra Mundial terá que ser ultrapassada. E a tentação de sair a correr de olhos baixos para restaurar as “condições pré-pandemia” o mais rápido possível é grande. O ser humano é um animal de hábitos e não é coincidência que a “mudança de estilo de vida” seja considerada a terapia mais difícil da medicina! Com um olhar aguçado, o teólogo vienense Paul M. Zulehner descreve o clima predominante em toda a Europa nas últimas décadas: “Trabalhamos até morrer, divertimo-nos até morrer e, cada vez mais, o amor morre por ser dominado. É uma tentativa de alcançar o Céu na Terra. A primeira característica desta vida é que ela acelera cada vez mais, porque queremos excessos com moderação. Mas essa vida torna-se cada vez mais exaustiva, exigente e até opressiva. Não é de admirar que tal vida seja caracterizada pelo medo subjacente de não conseguir, de falhar na busca da felicidade.”

“É possível outro mundo” é um slogan de há cerca de 20 anos, que foi agora expandido pelo movimento “Fridays for Future” para incluir o facto de que não existe um planeta B de reserva. Por isso, ao contrário do “homem selvagem numa moto”, primeiro temos que decidir em que direção queremos ir. A oportunidade de uma “nova normalidade” nunca foi tão grande!

BLOCO 6: Saídas da crise

Na primavera de 2020, ainda não se sabia quanto tempo duraria a pandemia e com que rapidez a medicina e a investigação seriam capazes de desenvolver uma vacina. Tanto mais forte foi a procura de como seria possível, com base nos valores da “doutrina social cristã”, sair da crise para uma “nova normalidade”.

Se nos orientarmos pelos valores da doutrina social, rapidamente se torna claro que o nosso “modo de vida” anterior nos levou a um desequilíbrio que ameaça todo o planeta. Um mercado globalizado sem regras conhece apenas a lei da oferta e da procura. Se não for dominado, esmagará pessoas e sociedades inteiras. Além de domar o mercado através de condições-quadro sociais e ecológicas, é necessário encontrar um novo equilíbrio entre uma economia competitiva, um estado social solidário e a proteção do ambiente. Isto aborda essencialmente a nossa visão da humanidade e do mundo. No seu livro “A economia do bem e do mal”, o economista e professor universitário checo Tomas Sedlacek afirma: “Ainda não encontrei o que procuro.” Descreve a nossa sociedade como uma que não só não sabe como alcançar a felicidade, mas onde isso nem é particularmente desejável. Quando a economia perde o rumo, restamos apenas uma coisa: o crescimento – um crescimento que não conhece nada além de a si mesmo, pois não tem qualquer objetivo como referência. Este crescimento está associado a uma sensação de falta de objetivos, falta de sentido e falta de um lar. Sedlacek exige que não só os filósofos e teólogos, mas também os economistas repensem a questão “O que é o ser humano no nosso ponto de vista?”.

As saídas da crise devem afastar-se do nosso modo de viver e fazer negócios anterior, que não só afeta os indivíduos, mas também ameaça massivamente o futuro da humanidade, e estão indissociavelmente associadas a questões de sentido. Na sua polémica publicação sobre a crise “Pensar de forma diferente”, o autor austríaco Reinhard P. Gruber escreve: “As alternativas estão à nossa frente, nunca atrás!”

BLOCO 7: Era da pós-verdade

Algumas anedotas já têm “barbas”. São contadas há 20 ou 30 anos e a maioria das pessoas já as conhece. Não parece ser o caso de um grafite encontrado nas paredes de uma universidade americana há 30 anos: “Formei a minha opinião, poupem-me aos vossos factos!” foi pintado em inglês (opinion/facts).

No início do século 21, parece que é cada vez mais difícil separar fatos e opiniões. Sim, também pode ser uma causa da intensidade das discussões sobre a pandemia de Covid-19. E pela inconciliabilidade dos pontos de vista! Outro fator é a “retórica da batalha” que está muito na moda. Parece que é cada vez menos importante ter uma conversa, ouvir os argumentos do outro lado num diálogo e até aprender algo com o outro desta forma. Em vez disso, tenta-se sistematicamente desvalorizar, ridicularizar e denunciar opiniões contrárias. Tal conversa é um obstáculo para qualquer troca de pontos de vista. Se não tomar em consideração a separação de opiniões e factos, mas misturar tudo como num gigantesco “moedor de carne de linguagem”, destrói a função de ponte da linguagem entre nós, humanos. Muitas vezes é frustrante questionar testemunhas sobre o que aconteceu num acidente. Alguns afirmam ter visto um carro vermelho e um prateado. Outros acham que viram um carro azul. Nesses casos, como é útil uma fotografia que coloca factos, como a cor do carro, fora de discussão. Ainda que na nossa “era pós-factual” a opinião de que se trata apenas de contar uma narrativa o mais credível possível seja cada vez maior, o regresso aos factos continua a ser útil. O reconhecimento conjunto da realidade permite diálogos com respeito.

Em 1952, o então chanceler alemão Konrad Adenauer afirmou: “Estava disposto – é preciso estar sempre – a aprender com os adversários políticos, porque cada um de nós tem o direito de se tornar mais inteligente.”

BLOCO 8: À lupa

O estado de emergência da pandemia global de Covid-19 teve o efeito de uma lupa na nossa sociedade: os pontos fortes e fracos tornam-se mais visíveis. “Quanta confiança e desconfiança existe nos relacionamentos, quanta violência ou ternura determina a vida num espaço confinado, é destacado de forma gritante por esta crise”, escreve o filósofo austríaco Konrad Paul Liessmann.

O sociólogo austríaco Manfred Prisching vai mais além e descreve o potencial de agressão atual da seguinte forma: “Não raiva por causa de um ou outro acontecimento – apenas uma raiva indiferenciada de tudo. Por causa da impotência, da sobrecarga, por causa da própria experiência de ineficácia e de insuficiência. A raiva liga-se a temas por toda a Europa e torna-se um anti-movimento: contra acima e abaixo, contra vírus e corporações, contra a elite e a ciência, contra intelectuais e jornalistas, contra a verdade e o mau tempo!” Infelizmente, este estado de espírito não parece parar nem no Parlamento, onde alguns discursos são tão cheios de agressão que os danos gerais à política superam em muito qualquer “pequena mudança partidária”.

Felizmente, a lupa não faz escolhas. Amplia tudo. Talvez tenhamos de observar com mais precisão. Todos nós – e isto parece aplicar-se em todo o mundo – aprendemos muito em muito pouco tempo. Não apenas termos individuais como “confinamento” e “pandemia”, mas também o desenvolvimento de uma vacina e ação num mundo digital. Todos nós iremos beneficiar disto no futuro. A crise foi uma oportunidade de refletir sobre muito. Novas formas de trabalho continuarão a desenvolver-se, por exemplo, o teletrabalho. Como sindicalistas sociais-cristãos, ajudaremos a moldar essas áreas de uma forma ativa. As primeiras regulamentações legais do teletrabalho já foram introduzidas na Áustria e em outros países. Aproveitemos o primeiro ano após o início da pandemia como uma oportunidade para olhar para o futuro com confiança. A raiva e o medo nunca foram bons conselheiros, ficar juntos em solidariedade sim!

BLOCO 9: Sustentabilidade

As medidas da Covid-19 determinaram toda a Europa. As discussões sobre o que é mais importante estão a tornar-se cada vez mais acesas: A liberdade pessoal do indivíduo ou a coexistência de uma sociedade funcional?

Em entrevista ao “Kepler Tribune”, uma publicação da Universidade de Linz, o historiador e filósofo alemão Philipp Blom afirma: “Uma vez, conversei com um grupo de suíços muito ricos, todos patronos do Museu Nacional Suíço. Perguntei-lhes qual deles acredita que este sistema econômico, como é agora, ainda pode existir dentro de 50 anos. Nenhum se manifestou.” Por isso, ele apela à criação de uma sociedade sustentável. Descreve o presente da seguinte forma: “Vivemos em sociedades sem futuro, um pouco como uma grande loja em liquidação. Todos sabemos que a loja está falida, mas cada um leva o que pode. Uma sociedade sem esperança plausível, sem ideias para o futuro, está a desintegrar-se por dentro.” No entanto, o coronavírus só causou um breve relance de solidariedade nas primeiras semanas. Após um ano, inventaram-se neologismos para descrever a mistura de cansaço com raiva. O sociólogo alemão Ferdinand Tönnies chama este cenário de avanço dos “egoístas chorões”. As pessoas, afirma, são principalmente voltadas para os seus próprios interesses e para o consulto, por isso procuram todas as formas possíveis de justificar a sua falta de responsabilidade. A jornalista e publicitária alemã Cathrin Kahlweit escreve sobre isto: “Quando os negociantistas da pandemia vagueiam pelas ruas com uma atitude hipócrita, encorajam extremistas de direita, colocam estranhos em perigo, produzem aglomerações – e, claro, são tratados no hospital às custas do público em geral e o compromisso voluntário e a boa vontade não são suficientes.” Numa sociedade sustentável, todos os sindicatos querem ajudar. A parceria e o diálogo formam blocos de construção imprescindíveis. Porque não queremos uma sociedade de egoístas, a coesão social é a chave para a sustentabilidade dos sindicatos sociais cristãos!

BLOCO 10: Cláudia

“Já chega. Estou farta. De vocês e do vosso medo e vossa obediência às autoridades, de denunciante e do ‘eu protejo os outros’ (oh, como sou fantástico...). Não. Tenho responsabilidade, sim, mas apenas por mim (e naturalmente pelos filhos menores de idade), pelos meus sentimentos,

pensamentos, palavras e ações. Pelo meu ponto de vista E pelo meu SER. É suficiente.” Estas são as palavras de um membro de um grupo coral que, como muitos grupos durante a pandemia, estava a lutar para encontrar formas de interagir. No grupo do WhatsApp do coro, seguiu-se a mensagem: Cláudia abandonou o grupo.

Como se também fizesse parte do coro, o filósofo alemão Richard David Precht, no seu livro “Von der Pflicht” (Do Dever), reflete sobre como o sentido de dever e de responsabilidade é diferente para cada pessoa e qual a grande incerteza que muitos ainda têm: Como se veem as pessoas como cidadãos? A que pensam ter direito e onde veem o seu dever cívico? E o que nos diz a crise sobre o estado da sociedade a este respeito? Na sua origem medieval, a palavra alemã “Pflicht” (dever) significa cuidado e custódia, participação e serviço na comunidade, descreve um alto valor da sociedade. Como afirma Friedrich Nietzsche, o dever é o direito do outro sobre nós”. Ter deveres e obrigações com os outros não é uma relíquia de uma era pré-moderna. No que diz respeito à relação com o dever, a crise da Covid-19 surge como uma lente convergente. Voltando à vulnerabilidade biológica e ao contexto médico do destino, o nosso comportamento torna-se existencial. Qualquer atitude que tomemos ao lidar com o vírus deixou de ser um assunto puramente privado. Não faz parte apenas de uma ética da vida, mas também da convivência - e, por isso, é uma questão de dever e obrigação. Como podemos reforçar o nosso sentido de dever e responsabilidade? Atitudes que a nossa democracia necessita com bastante urgência.

Perguntas intrigantes, também para quem se “demarca” e se revolta contra as medidas do governo para proteger a saúde de todos os cidadãos. Mas as Cláudias deste mundo lerão Precht?

BLOCO 11: Sociedade dividida

Com o “anúncio da vacinação obrigatória”, o governo federal austríaco parece ter afastado a última cortina das valas profundas. A inconciliabilidade dos pontos de vista e a divisão polarizada da sociedade, que atravessa famílias e círculos de amigos, tem como efeito, segundo o título de um artigo de jornal, uma “guerra religiosa” entre vacinados e não vacinados.

“Só porque um governo eleito democraticamente toma medidas que não agradam a algumas pessoas, não significa que seja uma ditadura!”, podemos ler em cartas de leitores, entre outros. Paul M. Zulehner escreve a este respeito: “Mais uma vez, os preocupados com a liberdade enfrentam os preocupados com a justiça. A solidariedade com aqueles que lutam pela vida nas unidades de cuidados intensivos opõe-se aos que não querem prescindir da liberdade de vida, trabalho e educação. A economia embate na ecologia, a verdade nas falsificações.” A inconciliabilidade dos pontos de vista e a desconfiança mútua de serem os culpados pela situação conduz rapidamente à violência – verbal ou física – ou à perda de contactos. E, com isso, estamos a destruir os nossos meios de subsistência. A pandemia de Covid-19 é muito mais do que uma crise de saúde. É uma crise existencial e uma ameaça à nossa coexistência. Como sindicalistas sociais-cristãos, podemos contribuir com a nossa experiência de negociação sindical. Cada diálogo precisa de igualdade e respeito mútuo. Não pretende “aniquilar” o outro. Se recuperarmos as emoções, podemos colocar os factos comuns fora da discussão. A psiquiatra austríaca Heidi Kastner acrescenta: “Cada um tem direito à própria opinião. Mas não existe qualquer direito a factos próprios!” E um compromisso não é uma rendição, mas uma solução comprovada para o problema.

Mas, para isso, teríamos que estar dispostos a mudar de ideias, ou como diz o artista de cabaré austríaco Klaus Eckel: “Temos de poder estacionar noutra lugar dentro das nossas cabeças! Surpreendemos mais o outro quando não repetimos os erros do passado. Mas prefiro ser um investigador instável do que um idiota estável.”

BLOCO 12: O Menino Jesus

“Gloria in excelsis Deo!”, clama o anjo por cima da manjedoura, que tem sido a alegria do Natal em todo o mundo há cerca de 2000 anos. Mas ainda é válido hoje?

Num livro, o cientista cultural e publicitário alemão Peter Sloterdijk quer “fazer o céu falar” do ponto de vista do filósofo crítico. Descreve a confusão atual das religiões dos tempos modernos. Em meados do século XIX, a porta para a compreensão do presente abriu-se quando dois motivos se desenrolaram: o crepúsculo da religião e o crepúsculo pós-revolucionário da coesão social. Apesar de o cristianismo ter sido uma parte marcante da cultura europeia até ao Iluminismo, no presente aparece pela primeira vez como desnacionalizado e despolitizado, ou seja, livre. “O sinal certo da jovem liberdade de religião é a sua surpreendente, edificante e escandalosa inutilidade. É supérflua como a música; mas sem música, a vida seria um erro”, escreve Sloterdijk. Cada pessoa decide por si própria se vive os seus 30 000 dias no planeta Terra apenas por acaso e depois desaparece no nada ou se se sente segura nas mãos de Deus. Quase parece que a pandemia também revelou o quanto a solidariedade, que entendia os 10 mandamentos da tradição judaico-cristã como fundação da cultura europeia, se está a desmoronar. Mas: “Ninguém se pode salvar sozinho”, apela o Papa Francisco. Assim, não devemos apenas perguntar “quem ou o quê é relevante para o sistema, mas também o que é relevante para as pessoas, para a vida e para a existência”, como explicou Paul M. Zulehner numa palestra no seminário de início EZA de 2021 em Viena.

Embora a comissária da UE, Helena Dalli, tenha sugerido dizer “período de férias” em vez de Natal, nós, como sindicalistas sociais cristãos, queremos usar o Natal como oportunidade para apresentar os nossos valores. Embora a pandemia de coronavírus tenha mergulhado a Europa numa turbulência severa, queremos olhar para o próximo ano com esperança e confiança. O clamor do anjo deve acompanhar-nos: “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados!”

Secção 2: JULGAR

Segundo a tríade de Joseph Cardijn, JULGAR significa: Para os sindicalistas e representantes dos trabalhadores sociais-cristãos, não basta acusar e interpretar a situação miserável dos pobres e desfavorecidos. Também têm a tarefa de formar um julgamento sobre a injustiça prevalecente. Existe um ditado alemão que diz: “Toda a teoria é cinzenta!”, mas podemos acrescentar: “A prática sem teoria é acinzentada!”. Por isso, precisa de orientações fixas. Depois da primeira secção, que descreve alguns dos desafios do século XXI e nos pede para olhar mais de perto, a segunda secção aborda orientações como as de uma bússola ou de um farol. Há muito tempo que as igrejas deixaram de ter o monopólio dos valores e da moral, mas, numa época em que quase tudo está em movimento, a bússola e o farol podem ser muito úteis e, às vezes, até podem salvar vidas. Os blocos seguintes descrevem as sete orientações da “doutrina social cristã” ao longo da pandemia global de Covid-19, como uma “rota da doutrina social”, por assim dizer.

BLOCO 13:

O que entendemos por “doutrina social cristã”?

A luta pela dignidade e liberdade humana atravessa a história mundial. Foi o ponto central da luta dos trabalhadores pela liberdade no início da revolução industrial. Mesmo no século XXI, numa sociedade pós-industrial, deve-se dizer repetidamente contra a ameaça de uma economização abrangente a todas as áreas da vida: “Somos pessoas com direitos inalienáveis e não capital humano disponível gratuitamente!” Para os sindicalistas sociais cristãos, a doutrina social cristã representa uma base de valores sólida. De acordo com o princípio supremo da doutrina social cristã, “o Homem deve ser o portador, o criador e o objetivo de todas as instituições sociais”. Os seguintes sete princípios da doutrina social for-

temos uma bússola clara para o nosso trabalho sindical de hoje e do futuro num mundo em mudança:

- **PRIMAZIA DO SER HUMANO:** Um mundo em que cada ser humano com dignidade pessoal e direitos inalienáveis seja percebido como uma “obra de arte total”.
- **BEM COMUM:** Uma sociedade que se baseia no bem comum e permite que todos concretizem a sua humanidade.
- **DESTINO UNIVERSAL DOS BENS:** A luta por uma distribuição o mais justa possível, porque a Terra é de todos.
- **SUBSIDIARIEDADE:** Mais reforço subsidiário de pequenas entidades, como famílias e comunidades, e menos centralismo.
- **PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA:** Um florescimento da democracia em que os cidadãos participem ativamente.
- **SOLIDARIEDADE:** Solidariedade vivida, em que as pessoas se defendem com “responsabilidade mútua”.
- **SUSTENTABILIDADE:** Uma civilização da sustentabilidade, em equilíbrio entre a competição económica, a proteção social e a preservação dos meios de subsistência.

Os sindicalistas sociais-cristãos pretendem que as pessoas não sejam reduzidas apenas à sua força de trabalho ou vistas apenas como consumidores trabalhadores. Contra a ideia da “ditadura do proletariado”, na nossa visão do mundo colocamos a dignidade humana em primeiro plano. Os nossos valores sociais cristãos são a melhor base para uma política sindical justa.

BLOCO 14: A “questão social”

O cristianismo é impensável sem o amor ao próximo. Por isso, muitas ordens religiosas cristãs dedicaram-se a prestar apoio especial aos pobres, vulneráveis e doentes desde a sua criação. Durante séculos, muitos hospitais, escolas e, por último, mas não menos importante, a “sopa dos pobres” foram uma expressão do compromisso social das igrejas cristãs. Quando, com as convulsões da revolução industrial, a vida dos trabalhadores nas fábricas se tornou a questão social mais importante, o Papa Leão XIII publicou a primeira encíclica social “Rerum Novarum” em maio de 1891. A doutrina social cristã estabelecida forma, até hoje, a base de valores para os sindicatos sociais cristãos e organizações de trabalhadores.

No século XIX, com a invenção da máquina a vapor e com as primeiras fábricas, teve início a “1.ª revolução industrial”. A dramática mudança de uma sociedade agrícola e artesanal para uma sociedade industrial trouxe milhões de trabalhadores fabris empobrecidos e explorados e criou distorções e injustiças. Assim, a fome, a pobreza e a exploração dos trabalhadores tornaram-se a “questão social” mais importante, para a qual existiam diferentes respostas:

- O socialismo: Seguindo as ideias de Karl Marx, a luta de classes apareceu como o método mais importante para combater a injustiça dominante. O objetivo do socialismo era, através de revoluções, evitar mais exploração e lutar por mais justiça.
- Liberalismo: A resposta liberal ao desafio da miséria social foi enfatizar a “liberdade individual” e não tolerar qualquer interferência nos assuntos económicos ou sociais. Segundo Adam Smith, o mercado seria regulado por uma “mão invisível”.
- Resposta social cristã: A resposta social cristã foi definida na primeira encíclica social “Rerum Novarum” de 1891. Enquanto o socialismo pretendia dominar tudo de forma revolucionária e o libe-

ralismo “deixar correr”, a doutrina social cristã pretende superar os desequilíbrios sociais através de valores vinculativos.

Como sindicatos sociais cristãos, criamos uma política orientada para os valores. Estamos a construir uma sociedade solidária e defendemos a parceria e o diálogo!

BLOCO 15: Diálogo

O método preferido, quando não o único, do nosso trabalho é o “diálogo social”. Este está agora consagrado nos tratados da UE e é novamente sublinhado no “Pilar Europeu dos Direitos Sociais”.

Infelizmente, na primavera de 2022, temos que declarar explicitamente um requisito fundamental para cada diálogo: Paz!

Por isso, condenamos qualquer guerra nos termos mais fortes possíveis. As demonstrações de poder militar e a utilização de violência armada resultam em morte e miséria. Os problemas globais de hoje só podem ser resolvidos se nos unirmos. Para isso, é necessária cooperação europeia e global entre os povos em crise. A guerra não é solução!

Para contrariar a tendência para a demarcação, temos de manter o diálogo, o que obedece a regras que resumimos:

- Vontade de dialogar: Há vida onde as pessoas conversam entre si. Quem não procura ou recusa dialogar, afasta-se do diálogo e contribui para a escalada do conflito.
- Ver as dificuldades de perceção: Quando duas pessoas – ou duas partes em negociação – veem a mesma coisa, não tem que ser a mesma coisa. Também poderia ter sido percebida de forma completamente diferente ou simplesmente incompreendida.

- O diálogo como auxiliar adequado: Em conflitos, exprimem-se diferentes interesses e opiniões. Trata-se da forma como os conflitos são resolvidos.
- O diálogo revela algo: Trata-se sempre de um encontro ao mesmo nível e de aceitar diferentes pontos de vista.
- A reconciliação faz parte do diálogo: Um termo quase esquecido, que é mais do que um compromisso ou conciliação de interesses. E não se trata de adotar as opiniões do outro. É muito mais viver e deixar viver.

A doutrina social cristã nunca poderia ser implementada se não partíssemos das pessoas. Se não realçarmos a sua dignidade inalienável e nos defendermos contra o termo “capital humano”. Se não nos lembrarmos que as pessoas se olham nos olhos durante o diálogo, se levam a sério e não só procuram uma forma não violenta de resolução de conflitos, mas também a praticam constantemente. Assim, o “diálogo social” não é a única ferramenta da doutrina social cristã, mas é uma das preferidas.

BLOCO 16:

Rota da doutrina social – Introdução

É certo que a primavera de 2020 terá um lugar especial nos livros de história. O coronavírus, contra o qual não havia medicamentos ou vacina quando surgiu, paralisou a vida pública na maior parte do mundo. Em alguns países europeus, contaram-se milhares de mortos. A título de exemplo, o governo federal austríaco reagiu com um “confinamento” na primavera de 2020, e porque a população, com o envolvimento exemplar dos parceiros sociais, apoiou todos os encerramentos e medidas, evitando coisas piores. Mas, durante semanas, as empresas ficaram paradas, não houve ensino nas escolas e as pessoas sofreram com restrições

à liberdade de circulação e proibições de visitas. Na Áustria, com cerca de 8,9 milhões de habitantes, mais de um milhão de pessoas trabalhavam com redução de horário e cerca de 600 mil ficaram desempregados. Com rara unanimidade, todos os investigadores económicos falaram da maior crise desde a II Guerra Mundial. Assim, o maior desejo poderia ser: um “retorno” a alta velocidade, em que a economia recupera, os alunos recuperam a matéria que perderam e tudo volta a ser como era!

Mas paremos aqui! É isso o que queremos, realmente? Uma vida rápida e ruidosa? Ou antes: mais rápida e mais ruidosa? E voltar à vida que antes considerávamos “normal”? Ou arriscamo-nos começar uma “rota” que também inclui estações que nos convidam a pensar: Vamos descobrir o Bem que só se prova em tempos difíceis. E, ao mesmo tempo, coisas que antes pareciam indispensáveis que não faltam.

Em Veneza, durante o primeiro confinamento em 2020, os peixes voltaram a nadar nos canais, no Bósforo viam-se golfinhos em vez de petroleiros e o céu azul não foi atravessado por nenhuns aviões – todas indicações de possíveis mudanças. Se não quisermos voltar “automaticamente” aos velhos padrões, precisamos pensar juntos sobre “O que fica melhor!”, como diz o título de uma música do grupo a cappella alemão Maybebop. Se refletirmos sobre o essencial, os valores que nós, como sindicalistas sociais-cristãos, extraímos da “doutrina social cristã” podem ser estações úteis no caminho para uma “nova normalidade”: valores que realmente importam!

BLOCO 17: Primazia do ser humano

Um mundo em que cada ser humano com dignidade pessoal e direitos inalienáveis seja percebido como uma “obra de arte total”.

Há cerca de 100 anos, Joseph Cardijn, com a fundação da “Juventude Operária Cristã – CAJ”, começou a encorajar aprendizes e operários: “Cada

jovem trabalhadora, cada jovem trabalhador vale mais do que todo o ouro da terra!” Infelizmente, no século passado, a história da Europa assistiu a duas terríveis guerras mundiais e depois à divisão do continente pela “Cortina de Ferro”, que só caiu em 1989. Esta dividiu a Europa em pessoas que tiveram a sorte de viver no Ocidente livre e pessoas no “Bloco Oriental” que durante décadas foram privadas de oportunidades na vida pelas ditaduras comunistas. Desde a queda do Muro de Berlim, no entanto, um número cada vez maior de vozes tem vindo a afirmar que, sem o “socialismo real existente”, teria prevalecido em todo o mundo e, portanto, também na Europa, uma forma de capitalismo preocupada apenas com a maximização dos lucros. Mas vejamos: Com o coronavírus foi completamente diferente! Muitos governos da UE puxaram o travão de emergência aos programas de austeridade em vigor nos orçamentos nacionais e, assim, deram “primazia” às pessoas!

Naturalmente, isto não invalida as regras do jogo na economia e vamos voltar a precisar de orçamentos equilibrados e de finanças organizadas no futuro, mas se os ministros das finanças da UE disserem literalmente: “Custe o que custar” – porque a saúde e a vida (sobrevivência) das pessoas têm prioridade, então esta primeira estação da doutrina social não só será atingida, mas também implementada. E quem começar a criticar os custos causados por esta atitude consistente deve ser informada: Existem áreas que não devemos submeter ao omnipresente cálculo de custo-benefício da economia, que devemos manter fora dessa “contabilidade”.

Um exemplo brilhante é o domingo, que nos lembra semanalmente que é inadmissível perguntar quanto custa não trabalhar um dia. Se conseguirmos salvar o domingo na “nova normalidade”, como um dia que se pauta por outros valores que não os que se trocam num balcão, conseguimos algo decisivo para a “obra de arte total do ser humano”!

BLOCO 18: Bem comum

Uma sociedade que se baseia no bem comum e permite que todos concretizem a sua humanidade.

“Não perguntes o que teu país pode fazer por ti, pergunta o que podes fazer pelo teu país” é uma frase do discurso inaugural do presidente americano John F. Kennedy em 1961 citada com frequência. Com a crise da Covid-19 fomos lançados abruptamente para o campo de tensão entre a perceção das liberdades pessoais e dos nossos próprios interesses e os dos nossos concidadãos e de todo o país. Naturalmente, a dignidade, unidade e igualdade de todos os seres humanos também inclui a sua saúde. Nos países da UE, decidimos renunciar temporariamente às liberdades pessoais para proteger a saúde das pessoas com maior risco de infeção viral devido a doenças pré-existentes ou à idade avançada.

Na primavera de 2020, muitos governos traçaram esse caminho, a população apoiou em grande parte e, assim, assumiu a responsabilidade pelo bem comum. Isto é mais notável porque, no início do século XXI e na “era digital”, em muitos países corre-se o risco de perder a referência ao bom senso e à realidade. A digitalização parecia fortalecer um estilo de vida que não pretende voltar a assumir responsabilidades por preguiça, indiferença e descuido. No entanto, considerando os desafios globais que a globalização, a digitalização, as mudanças climáticas e as mudanças demográficas representam, um botão chamado “Click here to save the world!” não será suficiente. A crise lembrou-nos que assumir responsabilidades é desconfortável e que sair da nossa “zona de conforto” parece arriscado muitas vezes.

O coronavírus espalhou-se pelo mundo a uma velocidade vertiginosa. O bem comum também deve ser pensado e difundido em todo o mundo e deve-se procurar uma forma humana de globalização. Para criar um bem comum universal, respeitando e preservando as características históricas e culturais de cada país, um “novo normal” exigirá novamente um maior

grau de ordem internacional e relações mais estáveis entre os Estados. A ideia básica poderia ser outra frase do discurso inaugural de Kennedy acima mencionado: “Se uma sociedade livre não pode ajudar os muitos que são pobres, também não pode salvar os poucos que são ricos.”

BLOCO 19: Distribuição justa

A luta por uma distribuição o mais justa possível, porque a Terra é de todos.

A conhecida citação de Mahatma Gandhi “O mundo tem o suficiente para as necessidades de todos, mas não para a ganância de todos” provou a sua validade atemporal durante a crise de Covid-19. De facto, o “destino universal dos bens” da nossa Terra é conhecido como um princípio característico da doutrina social. Cada pessoa deve ter a oportunidade de aceder aos bens necessários ao seu desenvolvimento. Exemplos são o ambiente natural e humano, água potável, ar puro, mas também acesso à informação, conhecimento e educação.

Durante a “emergência Corona”, nós na Europa sacrificámos a distribuição justa de bens em favor do medo e da ganância em pelo menos dois níveis: as “compras tipo hamster” de muitos cidadãos e das “proibições de exportação” de governos individuais. Os países como a França e a Alemanha, que impuseram uma proibição de exportação de produtos médicos (fatos de proteção, máscaras, etc.), têm de ser confrontados com a questão de como o justificar. No início do século XXI e entre os estados da UE, a saúde e a vida alemã são mais dignas de proteção do que além das fronteiras, ou seja, a vida polaca, checa ou austríaca? E se pensarmos nas prateleiras vazias, porque num misto de medo e ganância, enlatados, farinha e papel higiénico foram amontoados em carrinhos de compras a transbordar, só resta a vergonha deste comportamento revelador.

A doutrina social pede-nos que façamos o contrário, ou seja, que não esqueçamos os nossos semelhantes, especialmente os pobres. O Papa Gregório Magno escreveu: “Quando damos aos necessitados o que eles precisam, devolvemos o que é deles, não doamos o que é nosso. Preferimos resgatar o que devemos à justiça do que fazer uma obra de misericórdia”. Mesmo na maior crise, o medo não é um bom conselheiro. Para uma “nova normalidade” devemos praticar um comportamento baseado na confiança mútua. Isto significa que os contratos celebrados devem ser respeitados, que podemos confiar uns nos outros e não perder de vista os mais pobres. O bispo emérito austríaco, falecido em maio de 2020, foi um exemplo. Johann Weber da diocese de Graz-Seckau com a frase final do seu sermão: “A confiança tem mais fôlego que o medo!”

BLOCO 20: Subsidiariedade

Mais reforço subsidiário de pequenas entidades, como famílias e comunidades, e menos centralismo.

Por mais estranha que a palavra “subsidiariedade” possa parecer, ela é, no entanto, muito perspicaz. A “assistência prestativa” (derivado do latim “subsidium” – ajuda) é uma ajuda para a autoajuda e conhece sempre dois lados: Por um lado, tudo o que as unidades mais pequenas, como as famílias e comunidades, podem realizar por si mesmas não lhes deve ser retirado. Por outro lado, é tarefa e dever das unidades maiores, como os estados ou a UE, fornecer ajuda onde os “pequenos” estão sobrecarregados. Este é um ato de equilíbrio essencial para a nossa ordem social. Uma ordem social que deve lutar constantemente contra o perigo do centralismo excessivo e que, ao mesmo tempo, não deve recusar a ajuda necessária.

Na primavera de 2020, os dois lados surgiram da crise da Covid-19: Muitas famílias revelaram qualidades quase esquecidas. Com força e criatividade, o “ensino em casa” para as crianças foi reinventado todos os dias,

muitas vezes além da deslocação do trabalho para o “home office” e de todas as tarefas domésticas. Os vizinhos também se aproximaram, assumiram a responsabilidade de uns pelos outros e cuidaram de outros seres humanos que estavam sozinhos e solitários. Por mais surpreendentes e positivos que tenham sido estes comportamentos, a crise expôs também impiedosamente os pontos fracos da UE. O vírus não se espalhou como um cilindro pela Europa, mas afetou massivamente regiões individuais, com milhares de mortes, e atingiu levemente outras. Aqui seria necessária uma “intervenção de bombeiros” imediata, em que médicos, enfermeiros e material médico das regiões menos afetadas chegariam aos “pontos críticos” com “luzes azuis” para ultrapassar a crise num esforço conjunto. Em vez disso, todos os estados-membros da UE parecem ter tirado a palavra “união” das suas consciências e implementado os seus próprios programas dentro das fronteiras nacionais.

É óbvio o que precisamos de fazer diferente e melhor numa “nova normalidade” a partir destas experiências: Os nossos vizinhos continuam sozinhos mesmo depois da epidemia, as nossas preciosas famílias precisam de amor pela vida e a UE precisa de reforma!

BLOCO 21: Democracia viva

Um florescimento da democracia em que os cidadãos participem ativamente.

“Uma das nossas preocupações específicas é a dimensão europeia do vínculo. Em vez de comemorar os 25 anos de adesão à UE e, com ela, maior liberdade de circulação no espaço Schengen, olhamos para fronteiras fechadas. A luta contra a pandemia mostra, mais uma vez, o quanto a nossa Europa comum é importante e também quanto esta é frágil”, escreveram os bispos austríacos na sua carta pastoral por uma “normalidade espiritualmente renovada” no verão de 2020. A democracia levanta-se e cai com a coresponsabilidade ativa dos cidadãos, como indi-

víduos, mas também como grupos sociais, como os partidos políticos. Por isso, a sensibilização democrática é uma das grandes preocupações de uma sociedade livre e auto-responsável e também e sobretudo de um movimento sindical social-cristão. A crise trouxe à tona o quanto o “comum” na UE é insustentável, que parece ser assegurado por tratados, porque, quase como um reflexo, as fronteiras dos estados foram levantadas.

Isto é ainda mais surpreendente porque, no início do século 21, os Estados estão a ser cada vez mais questionados: Por um lado, porque desafios globais como a crise climática não podem ser controlados por Estados individuais, mas exigem soluções continentais, senão mesmo globais. Por outro lado, porque as “plataformas” digitais de cidadãos, que também operam em todo o mundo, criam utilizadores e “seguidores” através de novas dependências, os quais, como escreve o filósofo alemão Christoph Türcke, são “seguidores digitais a caminho de uma nova sociedade tribal global”. Através da Internet também se espalharam inúmeras teorias da conspiração a uma velocidade vertiginosa.

A tarefa de fortalecer a democracia na UE continua a ser enorme 75 anos após o fim da II Guerra Mundial e a exigência do antigo chanceler federal austríaco, Dr. Wolfgang Bowl continua a ser plausível: “Precisamos pensar sobre a Europa à luz de padrões mais elevados!” Se queremos que a democracia floresça num “novo normal”, não devemos permitir que a UE degenera para um projeto dos comissários, mas devemos agir contra particularismos nacionalistas como cidadãos ativos e empenhados numa colaboração apaixonada. Não se trata de mais UE ou de menos UE, mas de uma melhor UE!

BLOCO 22: Solidariedade

Solidariedade vivida, em que as pessoas se defendem com “responsabilidade mútua”.

A frase “Para o vírus, todos são iguais!” é dita rapidamente, afirmou Paul M. Zulehner num grande encontro, o “Weizer Pflingstvision” em junho de 2020, para elaborar ainda mais: “Para o vírus, todos são iguais. Mas o vírus não afeta todos da mesma forma!”. Nos EUA, afeta mais os afro-americanos do que os brancos. A Europa rica pode ajudar-se muito melhor do que o Equador economicamente oprimido. E o ditador norte-coreano Kim Jong-Un pode embarcar no seu comboio de luxo privado e seguir para uma estância balnear protegida. Mas pessoas aglomeradas em campos de refugiados não têm estas oportunidades. O coronavírus expõe sem rodeios as injustiças prevaletentes neste “Um Mundo”.

Exige-se aqui solidariedade, como atitude pessoal com alcance universal e, ao mesmo tempo, como um princípio estrutural da sociedade em que as pessoas se defendem com “responsabilidade mútua”. Solidariedade que incentiva a defender as pessoas que são mais afetadas pelo vírus. Tendo em vista que a globalização há muito tempo nos tornou vizinhos sem nos conhecermos e sem nos responsabilizarmos uns pelos outros, esta compreensão da solidariedade não é uma opção sócio-romântica, mas uma estratégia de sobrevivência sem alternativas. Ou a rede global deve realmente limitar-se a “Youtube e Youporn”?

A solidariedade inclui o interesse determinado e um envolvimento eficaz na vida e no bem-estar dos outros. Representa a justiça que contribui para a paz. O Salmo 85 diz-nos: “a justiça e a paz se beijarão!”. O mesmo se aplica a nós e a todos os políticos: Em vez de invocar constantemente a solidariedade nos “discursos dominicais”, devem ser dados passos muito concretos para garantir mais justiça – só assim a solidariedade pode crescer. Numa “nova normalidade”, temos que deixar a infeção pelo coronavírus para trás para sermos infetados por uma “pandemia de solidariedade”, como pede Paul M. Zulehner. Isto não significa um sentimento de compaixão vago ou uma emoção superficial pelo imenso sofrimento, mas uma determinação firme e constante, uma atitude. O antigo político austríaco Matthias Strolz escreve num dos seus livros: “A

última liberdade que nos resta sempre é a atitude que tomamos perante as circunstâncias.”

BLOCO 23: Sustentabilidade

Uma civilização da sustentabilidade, em equilíbrio entre a competição económica, a proteção social e a preservação dos meios de subsistência.

“A conversão ecológica, que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura, é também uma conversão comunitária”, escreve o Papa Francisco na encíclica *Laudato Si*. Mesmo antes da crise mundial de Covid-19 nos obrigar a “respirar”, graças ao movimento “Fridays for Future” fundado por Greta Thunberg, os rios mortos, as florestas amazónicas desmatadas, a poluição devastadora dos oceanos do mundo, o degelo das calotas polares, as tempestades e inundações e todas as outras catástrofes climáticas tornaram-se o centro das atenções.

Claramente, com a crise climática, a humanidade está a enfrentar o seu maior desafio desde há gerações. O nosso espaço vital, a nossa “casa comum”, como chama o Papa Francisco, a nossa biosfera, está prestes a entrar em colapso. Se as coisas continuarem como estão, o nosso planeta não durará muito mais tempo e não teremos qualquer futuro. Num livro sobre as consequências da crise da Covid-19, três médicos – Rudolf Likar, Georg Pinter e Herbert Janig – de Kärnten, região do sul da Áustria, descreveram a bifurcação no caminho em que nos encontramos da seguinte forma: “As pessoas podem decidir se merecem este mundo e recuar, ou melhor, dizer adeus a este planeta com um suspiro gigantesco para que os protozoários possam começar desde o início com a grande experiência da Vida.” Se o futuro da humanidade está massivamente ameaçado pelo nosso modo de vida e pela nossa economia, uma introdução ao conhecimento social da vida, a socialização, não significa formação para o indivíduo e futuro para a sociedade, mas exatamente o contrário. Tendo em

vista a situação crítica da sociedade humana, Paul M. Zulehner formulou: “É necessário abrir o acesso a novos modelos de vida. Na esperança de mudar a sociedade para que volte a ter um futuro.”

Numa “nova normalidade” devemos acelerar na direção de uma “economia de mercado ecossocial” global que procure e encontre um novo equilíbrio entre a concorrência justa – que acontece em todas as economias de mercado – uma estrutura regulatória justa no Estado social e a proteção vital do meio ambiente. Só assim passaremos de uma “civilização da superexploração” para uma “civilização da sustentabilidade”!

BLOCO 24: Rota da doutrina social – Conclusão

Na primavera de 2020, os valores da “doutrina social cristã” convidaram à reflexão. Mesmo que pareçamos completamente presos no sistema de mercado, podemos perguntar para onde queremos ir com o nosso coração e cérebro. A doutrina social oferece orientações preciosas para um “novo normal” – durante e após a superação de crises.

PRIMAZIA DO SER HUMANO: Devemos preservar áreas que não devem ser consideradas no cálculo de custo-benefício da economia, porque está em jogo a dignidade humana. Um exemplo disso é a oferta do domingo.

BEM COMUM: A globalização não deve basear-se exclusivamente em exigências económicas, mas deve criar um bem comum universal. Para isso, é necessária uma estrutura regulatória internacional.

DISTRIBUIÇÃO JUSTA: Cada pessoa deve ter a oportunidade de aceder aos bens da Terra necessários à vida. Isto requer dominar medos e inveja e desenvolver a confiança mútua.

SUBSIDIARIEDADE: Em muitas famílias, conseguiram-se grandes coisas durante a crise. No futuro, deve ser assegurado um espaço de vida eco-

nómico, social e económico para a vida. E é necessário equilíbrio na sociedade.

DEMOCRACIA VIVA: Para fortalecer a democracia na UE, não devemos permitir que esta degenera num projeto dos comissários, mas devemos envolver-nos politicamente como cidadãos ativos.

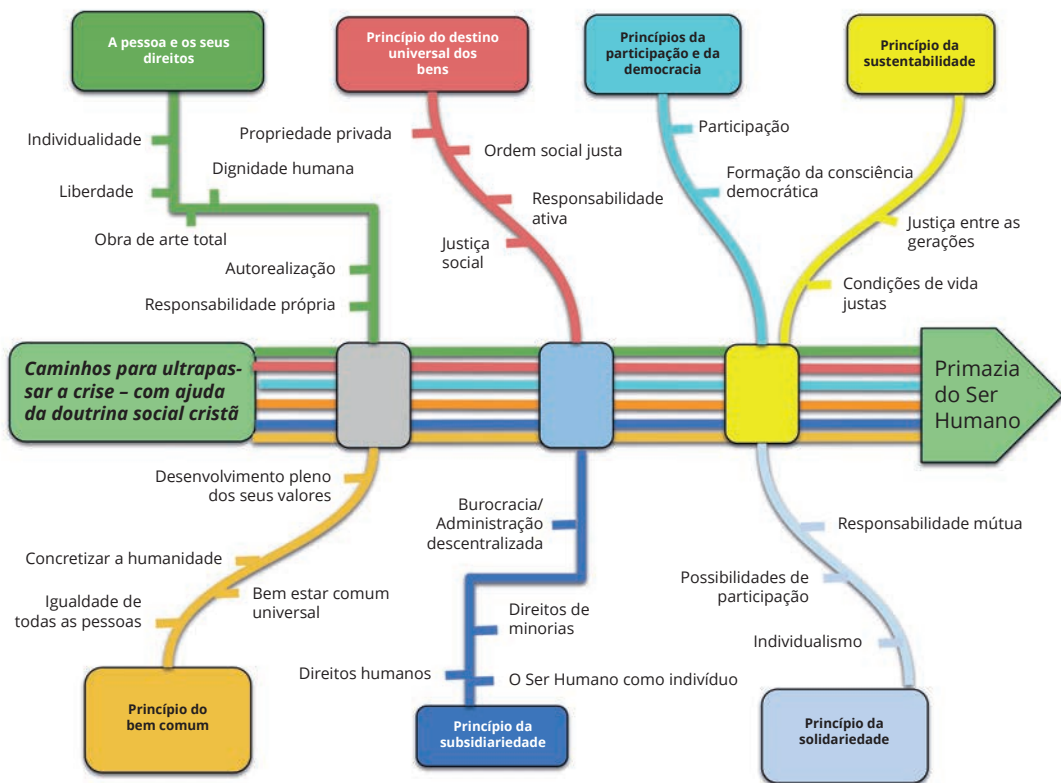
SOLIDARIEDADE: A pandemia global, que atingiu as pessoas de forma diferente e expôs as injustiças, deve ser seguida de uma “pandemia de solidariedade” que promova a justiça para permitir que a solidariedade cresça.

SUSTENTABILIDADE: Ao recomeçar após a economia ter chegado ao fundo, devemos criar um “mercado justo” em vez de um “mercado livre”, que crie um novo equilíbrio entre a economia, o estado social e a proteção do meio ambiente.

Cada reflexão, cada orientação oferece a oportunidade de mudar de direção. Durante a crise, vieram à tona na nossa sociedade três défices concretos: a falta de justiça, a falta de comunidade e a falta de sentido. Mas por trás destas ameaças, estão a tornar-se visíveis novos “sinais de vida”, que Paul M. Zulehner chama de “vestígios do céu”. Encoraja-nos a olhar para a frente: “Aprofundem a vossa vida, saiam da prisão do medo e tornem-se pessoas verdadeiramente solidárias!”

A “doutrina social cristã”, os nossos valores e princípios, formam os faróis e a bússola da nossa política sindical. Partindo desta base, temos de encontrar novas respostas para o século XXI e para ultrapassar as crises atuais. Os desafios globais modernos são: Digitalização, desenvolvimento demográfico, globalização, as alterações climáticas e a manutenção da paz e da democracia. Para a implementação, os sindicatos sociais cristãos e os movimentos de trabalhadores contam com pessoas com dignidade inviolável e não com ideologias. Construimos sobre o empenho das pequenas unidades, não sobre a ação de aparelhos anónimos. Porque não

queremos uma sociedade de egoístas, defendemos a cooperação com todas as forças!



Secção 3: AGIR

Segundo a tríade de Joseph Cardijn, AGIR significa: As duas secções anteriores (VER/JULGAR) levam necessariamente à ação, à defesa das pessoas despojadas dos seus direitos e oportunidades na vida. Para os sindicatos sociais cristãos, os valores não podem e não devem ser usados apenas como ornamento, como as estrelas douradas sobre fundo azul na abóbada de uma igreja barroca. Apenas esta ação revela se as uniões sociais cristãs vivem realmente os seus valores!

A seguir, são nomeados três pontos, nos quais as nossas organizações membros do EZA contribuirão de forma reforçada para o “diálogo social” nos seus países:

- SER MAIS DIGITAL: o futuro do trabalho na era digital
- SER MAIS ECOLÓGICO: Economia de mercado ecossocial como modelo de futuro
- SER MAIS SOCIAL: Família; equilíbrio entre vida profissional e pessoal

“Nada no mundo é tão poderoso como uma ideia cuja oportunidade chegou.” (Victor Hugo): Se nós, depois de superar a crise atual, não quisermos voltar a cair nos “velhos padrões” do nosso modo de viver e fazer negócios porque esse modo de vida ameaça o futuro do nosso planeta Terra, então tem de começar um processo de mudança. No mundo do trabalho digital do futuro, haverá funções completamente novas que exigem condições estruturais correspondentes. As medidas já implementadas pela Comissão da UE para alcançar os objetivos climáticos devem ser, por um lado, vigorosamente perseguidas e, por outro, os encargos e custos associados devem ser distribuídos da forma mais justa possível. Não é por acaso que o plano de recuperação do governo dos EUA também prevê o

reforço das famílias como terceiro pilar, porque os desequilíbrios sociais se tornaram cada vez mais evidentes. A Europa continuará a seguir o seu próprio caminho também no futuro, o que nos distingue claramente de outras áreas económicas como os EUA ou a China. A direção que este caminho deve seguir também será moldada pelas organizações membros do EZA. Estas irão envolver-se no diálogo social nos seus países e apoiar-se-ão mutuamente na rede EZA.

SER MAIS DIGITAL: o futuro do trabalho na era digital

O mundo do trabalho está a mudar fundamentalmente. A produção industrial já não é a única área a ser alterada pela digitalização. A digitalização está a entrar em todas as áreas do trabalho e da vida.

O ritmo da digitalização de todas as áreas da vida é enorme e os desafios são grandes. Muitas formas de trabalho estão a perder as suas restrições de espaço e tempo. Este grande nível de flexibilidade possível abriga não só grandes oportunidades, mas também muitos riscos. No futuro, ainda mais atividades poderão vir a ser executadas por máquinas. Atividades até agora reservadas a técnicos altamente qualificados. Num futuro próximo, produtos de software sofisticados serão capazes de muitos processos de tomada de decisões avaliando (os cada vez mais) dados digitais existentes e facilmente disponíveis. Os robôs aprendem a simular capacidades cognitivas e a mostrar empatia.

BLOCO 25: A revolução digital

A quantidade de dados disponíveis está a crescer constantemente a uma velocidade cada vez maior. Os dados são a matéria-prima do século XXI. Big data é a palavra que nos continua a acompanhar. A digitalização de

todas as áreas da vida permite uma visão completamente nova dos fatos. Este desenvolvimento está apenas a começar. No início da revolução digital!

Alguns números ilustram a rápida mudança na qual nos encontramos: a cada cinco anos, o Conhecimento disponível em todo o mundo duplica. Em algumas áreas, isto dura apenas nove meses. Metade deste Conhecimento adquirido permanece atualizado durante um máximo de quatro anos. No que diz respeito aos avanços da tecnologia, a Comissão da UE prevê que, em apenas dez anos, cerca de 80% das tecnologias usadas hoje serão substituídas por novas. As profissões irão sofrer alterações ou mesmo desaparecer completamente.

Efeitos no mundo do trabalho

Na produção industrial, bem como no fabrico de bens, as máquinas e robôs controlados por computador estão cada vez mais a assumir processos de produção que antes eram realizados por mãos humanas. As profissões irão continuar a alterar-se profundamente ou irão mesmo desaparecer: Exemplos: fabricante de ferramentas, mecânico, operador de torno, tipógrafo, etc.

Por um lado, existe a possibilidade de voltar a deslocar a produção de países com salários baixos por outro lado, os novos empregos criados não compensam os perdidos e apenas alguns tiram vantagem do aumento da produtividade.

Cada vez mais processos de trabalho estão a ser executados por programas de software. Decisões que eram tomadas por técnicos altamente qualificados estão agora a ser tomadas por programas de software baseados numa variedade de informações disponíveis digitalmente.

Em quase todas as áreas e indústrias, o trabalho pode ser separado do local e do tempo. Isto resulta em mais flexibilidade (horário de trabalho,

etc.), o que idealmente pode beneficiar tanto os trabalhadores como as entidades empregadoras.

Dois grandes temas têm vindo a ganhar mais importância:

Teletrabalho: Entretanto, em muitos acordos coletivos, existem regulamentações legais muito boas, bem como no setor público, que se baseiam essencialmente no facto de que o teletrabalho só pode ser implementado com consentimento mútuo. Devem ser tomadas em consideração regras mais precisas.

Crowdsourcing ou **Crowdworking:** O termo Crowdsourcing é formado pelas palavras CROWD e OutSOURCING. Só isso já diz muito. É uma oportunidade que permite às empresas adjudicar a fornecedores atividades que podem ser realizadas por computador. Este modelo não conhece fronteiras de setor. Por norma, cada trabalho que possa ser feito no computador é compatível com “Crowdsourcing”. As pequenas e médias empresas estão a utilizar cada vez mais esta possibilidade que lhes permite otimizar custos, em detrimento de postos de trabalho fixos. A concorrência mundial cria uma guerra de preços completamente desregulada, o que ameaça tornar as relações laborais mais precárias. Cada vez mais o foco reside apenas no rendimento do trabalho. A pessoa por trás tem cada vez menos importância.

Possibilidades de controlo abrangentes exigem disposições de proteção abrangentes. É necessário garantir que as medidas de controlo que afetam a dignidade humana são proibidas. Como resultado dos desenvolvimentos descritos perder-se-ão postos de trabalho em grande escala. Pode-se presumir que serão criados significativamente menos novos postos de trabalho.

Embora no futuro os robôs também possam simular competências humanas complexas, a atenção humana continuará a ser insubstituível em muitas profissões. A digitalização, especialmente nos setores da saúde e

social, pode, portanto, ser uma oportunidade para grupos profissionais que estão atualmente sujeitos a muita pressão.

BLOCO 26: Questões centrais da digitalização

Numa palestra muito aclamada, Konrad Paul Liessmann afirmou sobre este assunto: “Uma coisa pode ser afirmada com certeza, estamos a caminhar – e eu diria que é uma grande vantagem – para uma sociedade, depois de tantas atividades poderem ser feitas por máquinas, em que realmente devemos ter mais liberdade, um acréscimo de generosidade e mais lazer. E pergunto-vos: Por que não sentimos nada disso? Por que não sentimos nada por termos automatizado os nossos processos de produção industrial, termos deixado fluir uma criatividade sem limites na nossa economia, o objetivo de toda a automatização. E esta também já era uma ideia da burguesia, da burguesia económica. Desde o início, a ideia era aliviar as pessoas do trabalho. Isto significa também porque é que a nossa sociedade não está a inspirar profundamente, dado que, graças à nossa produtividade tecnológica temos agora mais oportunidades de nos voltarmos para as coisas reais das nossas vidas, da nossa existência?”

Questões centrais:

Onde ocorre a CRIAÇÃO DE VALOR e para onde vai o dinheiro?

Em vez da cadeia de valor rígida, no futuro surgirão redes de valor dinâmicas como resultado da digitalização. As plataformas de fornecedores de serviços criam valor em quase todos os países do mundo. É necessário garantir que é feita a tributação fiscal correspondente e que o dinheiro não seja desviado para “paraísos fiscais”. Além disso, deve ser criada uma situação de concorrência igualitária com fornecedores nacionais (contribuições para a segurança social, etc.)

Como os LUCROS do uso da mão de obra e dos recursos são distribuídos de forma justa?

Quando os lucros da mão de obra diminuem e os dos recursos aumentam, devem ser encontradas novas formas para os distribuir equitativamente. Esta questão da distribuição deve ser esclarecida para o bem de todos. Não podem haver tabus.

Como será garantido o FINANCIAMENTO dos sistemas de segurança social no futuro?

Mesmo que no futuro haja menos trabalho, há que garantir o financiamento dos sistemas de segurança social. Isto significa criar novas oportunidades de financiamento. O atual financiamento associado ao trabalho remunerado é muito limitado.

BLOCO 27: Campos de ação da digitalização

Há cerca de 150 anos que a nossa rede social na Europa está associada ao contrato de trabalho. Tanto nos contratos individuais como nos coletivos, empregadores e trabalhadores comprometem-se a pagar impostos ao Estado e contribuições para a segurança social além do salário pelo trabalho realizado. Em muitos países europeus, os riscos de doença, velhice, desemprego e acidentes são suportados conjuntamente e solidariamente num sistema de segurança social – muitas vezes autónomo. Se as previsões sobre a perda de inúmeros postos de trabalho remunerados devido a robôs e computadores estiverem corretas, este sistema social estará em grande perigo.

Na era digital é possível trabalhar em diversas áreas em qualquer lugar e a qualquer hora, bastando apenas ter acesso à Internet. Por sua vez, isto levanta inúmeras novas questões:

No futuro, quem será empregador ou trabalhador? Todas as tarefas pela internet resultam numa relação laborar legalmente válida? Em que países devem ser pagos impostos e contribuições para a segurança social no futuro se o trabalho for distribuído pela Internet por todo o mundo?

Devido à enorme quantidade de dados disponíveis, a proteção da privacidade deve ser vista a uma luz completamente nova. Todos têm o direito de tomar as suas próprias decisões sobre a utilização de todos os seus dados pessoais. A proteção deste direito deve permanecer sob a supervisão do Estado e fazer parte do Estado de direito. Os sindicatos devem usar reforçar o uso das novas tecnologias (Internet, digitalização, etc.) e desenvolver métodos de organização completamente novos. Por um lado, ao fornecer informações de alta qualidade (por exemplo, todos os acordos coletivos atuais), podem lutar contra informações falsas direcionadas (“notícias falsas”). Por outro lado, os canais online também podem ser melhor aproveitados para campanhas ou ações de protesto. Além disso, a Internet oferece às organizações membros oportunidades de participação completamente novas (por exemplo, mudança da sua forma organizacional, inquéritos, votações, etc.). Também deve ser dada atenção especial ao facto de a digitalização estar a avançar em velocidades completamente diferentes nos diferentes setores.

É uma tarefa importante para todas as democracias garantir que todos os cidadãos tenham acesso gratuito à Internet. Além disso, os estados devem investir na expansão das infraestruturas (cabos de fibra ótica, rede 5G etc.) e em formas de educação completamente novas. Segundo as previsões, mais de 50% das crianças que começam agora a escola, quando terminarem a sua formação (daqui a 12 anos), vão trabalhar em empregos que nem existem hoje.

Embora na era da digitalização o “diálogo social” que cresceu em toda a Europa ao longo de mais de 100 anos seja repetidamente posto em causa, reafirmamos a importância deste instrumento. Somos incentivados a isso pelo Pilar Europeu dos Direitos Sociais da União Europeia, proclamado em novembro de 2017.

Campos de ação

- A digitalização tem de melhorar a vida de todos e não ser um esquema para ganhar dinheiro de alguns que acumulam riquezas incalculáveis.
- Os programas de computador e robôs, por mais sofisticados que sejam, não podem substituir questões de ética e valores no sistema económico. Isto significa que as pessoas devem permanecer no centro de todos estes desenvolvimentos.
- A formação profissional e a formação contínua passam a ter uma importância central. As possibilidades neste sentido devem ser ampliadas. Isto inclui expandir a banda larga de forma abrangente, bem como equipar as escolas com os melhores recursos técnicos ou criar postos de trabalho adequados para a era digital.
- À medida que cada vez mais trabalho é feito por computadores, máquinas controladas por computador, robôs e programas de software, as horas de trabalho restantes devem ser distribuídas de uma forma justa. Assim, deve ser relançada a discussão sobre o horário de trabalho.
- O financiamento dos sistemas de segurança social deve ser colocado numa base mais alargada. O financiamento atual, exclusivamente associado ao trabalho remunerado, é muito limitado. Também deve garantir-se que os grupos de empresas que produzem fora da Europa contribuam, com os seus lucros na Europa, para o financiamento dos sistemas de segurança social.

Os campos de ação mais importantes apresentados serão discutidos num debate societário a nível europeu. O tempo urge e precisamos de soluções aceitáveis que tragam melhorias para todos o mais rapidamente possível. O modelo social europeu deve ser salvaguardado e expandido

com a ajuda das oportunidades resultantes da digitalização. Neste contexto, o desenvolvimento do modelo europeu de “economia de mercado social” para uma “economia de mercado ecossocial” está a ganhar uma enorme importância.

SER MAIS ECOLÓGICO: Economia de mercado ecossocial como modelo de futuro

Na 2ª Assembleia Ecuménica Europeia em Graz em 1997 foi dito: “Somos (acidentalmente) a primeira geração na longa história da Humanidade a ter o privilégio de ver esta Terra a partir de fora. Estamos a começar a aprender que este planeta é pequeno, finito e vulnerável, enquanto nos habituámos a pensar nele como um “mundo sem limites”.”

Devemos, portanto, começar a desenvolver uma “governança global” que possa superar o fundamentalismo do mercado global e conduzir à realização de uma “economia de mercado ecossocial” mundial. Para este fim, os “Objetivos de Desenvolvimento Sustentável” da ONU acordados globalmente devem ser implementados passo a passo. O combate à miséria no mundo não é caridade, é um imperativo humanitário. A política de desenvolvimento entendida desta forma inclui o desmantelamento dos obstáculos políticos globais ao desenvolvimento, bem como o desenvolvimento da cooperação baseada em parcerias para resolver os desafios globais. Por isso, hoje, este pode provar ser o programa de paz e desenvolvimento económico mais eficaz possível para as próximas décadas.

BLOCO 28: Crises ameaçadoras

No início do século XXI, ainda não é claro se pertencemos a uma geração de pessoas que acabou de viver a viragem do milénio, ou se este “milénio”

também representa uma viragem, comparável à transição da Idade Média para a era moderna.

A investigação do futuro relata uma série de crises humanas. Ossip Flechtheim, fundador da futurologia, aponta sete desafios existenciais nas suas publicações: Corrida ao armamento e guerra, explosão populacional e fome, ameaça e destruição do meio ambiente, crise económica e sobreplaneamento, défice democrático e repressão, crise cultural, crise familiar e perda da identidade do indivíduo.

O autor alemão Henrik Müller, que escreve regularmente no blogue “Müllers Welt”, chega ao número bíblico sete na sua comparação entre escassez e virtudes quando pensa sobre o que ameaça o nosso futuro e o que podemos fazer para neutralizar essas ameaças. Descreve a “era de grandes mudanças” como caracterizada por três grandes tendências que se reforçam e se sobrepõem mutuamente:

- A globalização põe em perigo a estabilidade política, porque em estados não democráticos os cidadãos estão a exigir mais voz e, nos países ocidentais altamente desenvolvidos, a distribuição cada vez mais desigual de rendimentos, riqueza e oportunidades está a minar a confiança no sistema político livre.
- A mudança demográfica com taxas de natalidade em declínio e esperança de vida crescente significa que a sociedade está a envelhecer rapidamente em grandes partes do mundo.
- A crise climática está no auge. O rápido aumento do uso de recursos e das emissões ameaça ultrapassar todas as projeções anteriores sobre mudanças climáticas.

O que todas essas descrições têm em comum é que a humanidade está a enfrentar o maior desafio em gerações. O habitat, a biosfera, parece severamente danificado; o colapso do sistema ecológico está em curso e

alguns pensam mesmo que é imparável. Se continuarmos assim, não poderemos continuar por muito mais tempo!

Nas décadas desde a II Guerra Mundial, foi estabelecido um modo de vida e de economia, inicialmente na Europa Ocidental, ao qual nos referimos como “economia social de mercado”. Com a queda da “cortina de ferro” que dividiu a Europa em duas durante décadas, os países da Europa Central e Oriental que sofreram durante décadas sob a ditadura comunista também se quiseram desenvolver nessa direção. No entanto, muitos sindicalistas desses países reformistas descrevem a trajetória dos últimos anos como um “erro de Colombo”. Querem dizer que Cristóvão Colombo procurou uma rota marítima para a Índia, mas desembarcou na América. Os países reformistas queriam ir para a Europa e também acabaram na América! Com a crise económica global, no entanto, as considerações fundamentais ficaram em segundo plano e as “estratégias de sobrevivência” são a prática corrente de muitos governos. Se nós, como sociedade – com todos os desenvolvimentos e ameaças mencionados – não quisermos acabar no “Velho Oeste”, onde reinava a ilegalidade e a violência armada, não seremos poupados da tarefa mental de qual a direção em realmente nos queremos desenvolver. As pessoas que procuram pistas são essenciais para tais decisões direcionais. Na Áustria, Josef Riegler, antigo Ministro da Agricultura e Vice-Chanceler e visionário conhecido em toda a Europa, propõe um rumo com o conceito de “economia de mercado ecossocial” que se coloca infalivelmente entre os conceitos que falharam obviamente no século XX.

Quase vem à mente a comparação com o controlo do fogo. O fogo pode devastar cidades inteiras, mas, se controlado, é essencial para refeições quentes no fogão de casa. O mercado só conhece a oferta e a demanda, se não o domarmos, pessoas e sociedades inteiras ficarão debaixo das suas rodas. Ou, como Hans Magnus Enzensberger descreve no seu ensaio “A Grande Migração”: “Mesmo nas sociedades ricas, qualquer um de nós pode tornar-se redundante amanhã. Para onde ir?” Domar o mercado é, portanto, um requisito muito importante – e é encontrado em todas as

publicações sobre o desenvolvimento da economia de mercado “social” para uma economia de mercado “ecossocial”. O fracasso do outro extremo, onde a economia planeada e controlada pelos comités centrais do partido comunista queria substituir o mercado, é tão claro que dificilmente precisa de ser explicado fora da Coreia do Norte. Mas também aqui se aborda a imagem humana, porque a liberdade e os direitos humanos ou a sua perda devem ser um critério de avaliação essencial de todos os conceitos políticos.

BLOCO 29: Encontrar um novo equilíbrio

Curiosamente, o número sete também remete para a dimensão religiosa de diversos autores. Na Bíblia, sete é a soma do número divino três (trindade) e o número terreno quatro (quatro pontos cardeais) e significa sempre o céu e a terra que abrangem tudo, ou como diz o Credo: O visível e o invisível. No livro “Christen in der Arbeitswelt” (Cristãos no mundo do trabalho) de Paul M. Zulehner, no qual os sindicalistas cristãos austríacos publicaram discursos e ensaios o autor vê a “situação extrema da sociedade humana” inseparavelmente ligada a questões de significado. Se o futuro da humanidade está massivamente ameaçado pelo nosso modo de vida e pela nossa economia, uma introdução ao conhecimento social da vida herdada, a socialização, não significa formação para o indivíduo e futuro para a sociedade, mas exatamente o contrário. Zulehner afirma: “Se a nossa sociedade permanecer como está, tanto a condição humana do indivíduo como o futuro da Humanidade estarão em perigo. Neste tempo, não é a socialização que é necessária, mas a contra-socialização. O que é preciso não é introduzir os padrões de vida tradicionais, mas abrir o acesso a outros (antigos e novos) na esperança de produzir um ser humano tão resistente que, nadando contra a maré, se torne uma pessoa e desenvolva novos padrões e que também carregue consigo a esperança de que a sociedade mudará e terá um futuro.” Zulehner vê o futuro dos seres humanos particularmente ameaçado por três défices: A falta de justiça, a falta de comunidade e a falta de sentido. Numa visão

holística, que inclui o Homem e a religião, podem tornar-se visíveis por trás dessas ameaças novos “sinais de vida” que abrigam sonhos de sobrevivência para uma vida digna. É possível adivinhar em que direção a nossa sociedade se deve desenvolver se quiser (ainda) ter um futuro.

Além de domar o mercado através de condições estruturais sociais e ecológicas, a “economia de mercado ecossocial” aborda sempre a questão do equilíbrio. No programa básico dos sindicalistas cristãos na Áustria afirma-se: “O objetivo da economia de mercado ecossocial é o equilíbrio entre uma economia favorável ao desempenho, a solidariedade social e a proteção do meio ambiente.” Além destas duas características principais, o domínio do mercado e o equilíbrio, as nossas pessoas e nossa visão de mundo são abordadas. Tomas Sedlacek, no seu livro “A economia do bem e do mal”, afirma: “Ainda não encontrei o que procuro”. Descreve a nossa sociedade como uma que não só não sabe como alcançar a felicidade, mas onde isso nem é particularmente desejável.

Na peça “À espera de Godot”, de Beckett:

VLADIMIR: Diga-o, embora não seja verdade.

ESTRAGON: O que tenho que dizer?

VLADIMIR: Diga: estou contente.

ESTRAGON: Estou contente.

VLADIMIR: Eu também.

ESTRAGON: Eu também.

VLADIMIR: Estamos contentes.

ESTRAGON: Estamos contentes. (Silêncio.) E o que faremos agora que estamos contentes?

VLADIMIR: Esperamos por Godot.

Quando a economia perde o rumo, resta-nos apenas uma coisa: o crescimento – um crescimento que não conhece nada além de a si mesmo, pois não tem qualquer objetivo como referência. Este crescimento está associado a uma sensação de falta de objetivos, falta de sentido e falta de um lar. Sedlacek conclui o seu livro argumentando que os economistas devem reconsiderar a questão: “O que pensamos que os seres humanos são?”. É claro que a questão do ser humano ressoa em todas as dimensões. Assim, a “economia de mercado ecossocial” não é apenas um modelo futuro que deve ser levado a sério, mas um “padrão de vida” segundo o qual devem ser quebrados hábitos anteriores para que possamos passar de uma “civilização da sobre exploração” para uma “civilização da sustentabilidade”. Porque se trata da nossa sobrevivência!

BLOCO 30: Oportunidade climática

Se queremos voltar a ser “sustentáveis”, devemos acelerar na direção de uma “economia de mercado ecossocial” global que procure e encontre um novo equilíbrio entre a concorrência justa – que acontece em todas as economias de mercado – uma estrutura regulatória justa no Estado social e a proteção vital do meio ambiente. Só assim passaremos de uma “civilização da superexploração” para uma “civilização da sustentabilidade”!

Para criar uma estrutura regulatória global, é necessário um desenvolvimento sustentável e não de recuperação:

- cooperação justa baseada em parcerias a todos os níveis,

- reforço das opções de decisão e organização dos países parceiros,
- incentivo da “Good Governance” e combate à corrupção,
- formas do uso de fundos coordenadas e orientadas para a base,
- financiamento adequado.

A frase “em qualquer crise há também uma oportunidade” provavelmente já foi demasiado usada. Mas é importante aproveitar a oportunidade agora e, em vez de nos manifestarmos, virar energicamente o leme da política. A Comissão da UE definiu o objetivo ambicioso de reduzir as emissões de gases com efeito estufa em 40% até 2030 e está a esforçar-se para que a UE se torne neutra em CO₂ até 2050. Este objetivo ambicioso, mas exequível, não poderá ser atingido com restrições e proibições abrangentes. Em vez disso, é importante continuar a desenvolver o modelo europeu de “economia de mercado social”, que nos distingue claramente dos EUA e da China, para que se transforme numa “economia de mercado ecossocial”. Ao mesmo tempo, devem ser considerados os objetivos da ONU para o desenvolvimento sustentável (“sustainable goals”). A transição para a neutralidade em CO₂ deve abranger todos os setores da economia. Os investimentos ecológicos criam novas áreas de crescimento económico e novos postos de trabalho, por exemplo, na renovação de edifícios.

Desta forma, a redução das emissões para um futuro sustentável para o nosso planeta pode tornar-se uma “oportunidade climática” e também gerar postos de trabalho.

SER MAIS SOCIAL:

Família; equilíbrio entre vida profissional e pessoal

“Estamos sujeitos a esta exigência, porque o mundo moderno do trabalho exige tanta flexibilidade que é difícil conciliar família e carreira”, afirma o programa básico dos sindicalistas cristãos na Áustria sobre a compatibilidade entre carreira e família. E mais: “A crescente pressão no mundo do trabalho por flexibilidade e mobilidade faz com que reste cada vez menos tempo para a vida familiar. O mundo do trabalho e o direito laboral devem, portanto, ser concebidos de forma a que haja espaço suficiente para a família e para as suas tarefas.”

BLOCO 31: Famílias em crise

A família constitui o padrão básico da convivência social humana desde tempos imemoriais. Era um teto sobre as gerações, sob o qual crianças, adultos e idosos comeram juntos por muito tempo. Nem sempre havia paz e harmonia sob este teto, mas oferecia proteção. Agora, este teto parece ter sido destruído pelo constante aumento da flexibilidade e mobilidade.

Se na doutrina social cristã, a existência humana é descrita como “viver em relacionamento”, então, com o padrão de crescente flexibilidade e mobilidade no mundo do trabalho, surge naturalmente a questão de como o casamento/união e a família funcionarão no futuro.

“O profundo desejo de relações bem-sucedidas é contrabalançado pelo medo de que os laços possam limitar a liberdade. Como reação, as pessoas tentam tornar-se o mais independentes possível. A independência individual e os próprios interesses tornam-se princípios orientadores na sociedade, colocando em segundo plano a dignidade dos outros e a importância das relações interpessoais e da coesão social. Ao fazer isso,

muitas vezes não se percebe o quanto as pessoas ficam isoladas e empobrecidas” (Palavra Social Ecuménica das Igrejas Austríacas, 73).

BLOCO 32: A família como local de aprendizagem

A família tem uma importância central para todos. “Na família existe uma atmosfera de vida em que a criança pode desenvolver as suas capacidades, onde toma consciência da sua dignidade e se prepara para enfrentar o seu destino único e irrepetível” (João Paulo II, Centesimus annus, 39).

A família forma a pessoa em termos de educação: É aí que se decide as línguas que falamos, a nossa nacionalidade, a que religião pertencemos, que modo de vida consideramos “precioso” e que pretendemos... assim, a família desempenha um papel primordial e insubstituível na educação das crianças.

Os pais são os primeiros, mas não os únicos, educadores dos seus filhos. Portanto, também é realçada a necessidade de uma cooperação estreita entre todas as instituições educativas, especialmente a cooperação entre famílias, jardins de infância e escolas.

BLOCO 33: Política social cristã da família

A Europa deve tornar-se mais amiga da família: Além das medidas fiscais já implementadas, no direito do trabalho devem ser implementadas medidas para melhorar a compatibilidade entre a vida profissional e a família. Além disso, deve ser criado um melhor espaço de vida subsidiado com condições acessíveis para as famílias jovens. Tomando em consideração a liberdade de escolha dos pais, devem ser criadas instituições de cuidados infantis orientadas para as necessidades.

Devem também ser promovidas medidas para aumentar o uso da licença de paternidade. No geral, os benefícios prestados às famílias devem ser expandidos significativamente.

Precisamos de espaços familiares onde as crianças possam crescer em segurança. Vemos a família como uma importante comunidade com crianças que está enraizada na essência natural do Homem. É uma fundação essencial da nossa sociedade. Vemos, assim, que é obrigação da sociedade permitir que a família cumpra as suas funções. O termo família inclui qualquer forma de convivência com os filhos, como o casamento, união de facto ou mesmo e pais e mães solteiros. A família dá espaço às crianças para cresçam em segurança. Aqui, são criadas as bases da confiança, amor, gratidão e solidariedade. É aqui que se superam as crises, se pratica a partilha e se vive a solidariedade – também entre as gerações.

A aceleração da vida e as conseqüentes exigências excessivas, a perda gradual dos períodos comuns de descanso social e da oportunidade de encontros humanos sem finalidade prejudicam e colocam em risco a convivência humana. Portanto, é essencial criar espaços de convivência para a família e para as uniões que permitam vivenciar o sentido mais profundo da comunidade fora da vida profissional.

Família como força organizacional da vida social

Daqui resultam três exigências:

- A família precisa de um espaço de vida protegido economicamente: Uma vez que as famílias prestam um serviço insubstituível à sociedade, as desvantagens económicas das famílias – especialmente famílias numerosas e monoparentais – devem ser compensadas.
- A família precisa do seu espaço de vida social: Num mundo do trabalho justo para a família, o horário de trabalho, em particular, deve ser organizado de forma a que pais e filhos se voltem a poder en-

contrar com mais regularidade. A economia moderna e flexível tem de ter como objetivo conciliar família e trabalho para pais e mães.

- A família precisa de um espaço de vida cultural: O casamento e a família não entram apenas em dificuldades económicas e no empobrecimento do seu espaço social. A política familiar deve empregar todos os esforços para que as famílias tenham todo o apoio de que necessitam nos domínios económico, social, educativo, político e cultural, a fim de poderem desempenhar plenamente as suas responsabilidades de forma digna.

Defendemos a proteção e promoção da família, especialmente através

- do aproveitamento do meio ambiente de forma adequada às famílias, através da criação de apartamentos ou casas adequadas, equipamentos suficientes para lazer e desporto, um número suficiente de estruturas de acolhimento de crianças e a promoção de todas as iniciativas de autoajuda da vizinhança,
- Reconhecimento da prioridade da educação das crianças no seio da família, que seja capaz de oferecer à pessoa em crescimento segurança, sentido de comunidade e consciência da responsabilidade democrática,
- a garantia da viabilidade económica das famílias através do reforço das medidas de apoio e de benefícios fiscais adequados aos responsáveis pela família,
- consideração pela família no mundo do trabalho,
- reconhecimento da gestão de uma casa e de criar filhos como uma atividade equivalente a um emprego remunerado.

Se uma forte política familiar implementar estas exigências, a família pode continuar a ser uma força modeladora da vida social no futuro.

BLOCO 34: Rede internacional – EZA

Os sindicatos sociais cristãos e os movimentos operários estão interligados para formar uma “rede de parcerias” há mais de 30 anos. E esta rede está em constante crescimento e tem futuro!

A nossa rede EZA é sustentada por um compromisso claro com a solidariedade internacional. Trata-se de liberdade e democracia, da garantia dos direitos humanos e da luta ativa pela paz no mundo. Os nossos membros lutam a todos os níveis, sobretudo com os meios de diálogo social, pelos interesses dos trabalhadores e querem obter justiça social. Para poderem cumprir esta missão sem entraves e livres de outros interesses, procuram ser o mais independentes possível e estabelecem redes transnacionais em toda a Europa.

Em 1980, a FCG conseguiu estabelecer um excelente exemplo de solidariedade internacional: Na Europa, as primeiras tentativas de liberdade e democracia, como em 1956 na Hungria e em 1968 na “Primavera de Praga” na então Checoslováquia, foram brutalmente reprimidas por tanques do exército soviético. Quando os trabalhadores polacos entraram em greve no estaleiro Lenin em Gdańsk no verão de 1980, Günther Engelmayer, então secretário federal da facção sindical cristã-social da Áustria, conseguiu superar todas as barreiras e penetrar nos piquetes de greve isolados. Engelmayer conseguiu encontrar-se com o líder dos trabalhadores Lech Walesa e entregou-lhe uma quantia significativa em dinheiro como apoio solidário da Áustria. Enquanto os sindicatos dominados pelos socialistas na Europa Ocidental mantinham ainda bons contactos com os sindicatos comunistas do Bloco Oriental, os sindicalistas cristãos já estavam ativos na criação de sindicatos novos e livres. A partir deste empenho, desenvolveram-se contactos constantes com os

recém-criados sindicatos da Europa Central e Oriental. O Centro Austríaco para formação de trabalhadores (ÖZA) organizou a primeira conferência KGZE em conjunto com o EZA e com o apoio da UE na primavera de 1989 em Viena, ainda antes do colapso do comunismo. A “Conferência para a Cooperação Sindical na Europa” deu aos novos sindicatos um poderoso impulso antes da queda da “Cortina de Ferro”.

As fusões internacionais de sindicatos europeus, como na “World Organisation of Workers – WOW” e na EUROFEDOP (Europese Federatie van het Overheidspersoneel) são outros exemplos do papel ativo da rede EZA, na qual o desenvolvimento de comunidades livres e cristãs sindicatos se rege pelo lema “Do patrocínio à parceria!”.

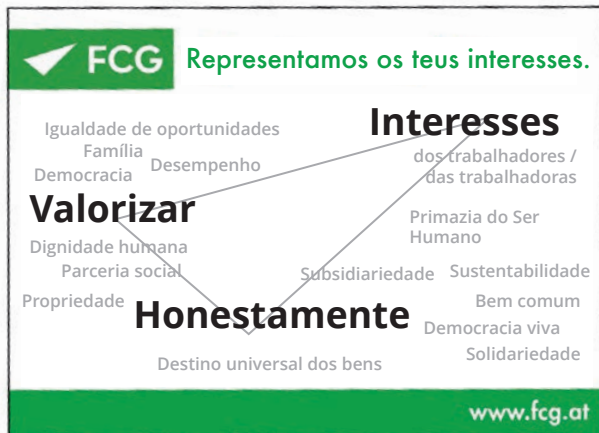
BLOCO 35: Social-cristão como marca

Há muitas décadas que o VERDE tem sido a cor que identifica os sindicatos sociais cristãos na Europa e também na Áustria. Não só porque o VERDE é a cor complementar do VERMELHO na paleta de cores, mas também porque nós, como sindicalistas sociais cristãos, com o nosso compromisso com uma “economia de mercado ecossocial”, além da luta pelos direitos dos trabalhadores lutamos principalmente pela preservação das bases da vida para as gerações futuras. Para além da domesticação do mercado globalizado no século XXI através de condições-quadro sociais e ecológicas, é necessário um novo equilíbrio no triângulo de interesses entre uma economia favorável ao desempenho, solidariedade social e proteção do ambiente!

O nosso triângulo também significa: valorização dos interesses honestos.

- Garantimos a qualidade do aperto de mão porque somos **honestos** sobre os nossos valores.

- Representamos os **interesses** dos trabalhadores porque somos independentes.
- Defendemos a parceria e o diálogo porque **valorizamos** as pessoas.



Este resumo simples ocupa o espaço de um cartão em qualquer bolso de calças ou casaco e facilita o contato inicial.

Os nossos valores são também uma expressão dos destinos para onde nos dirigimos:

Temos a visão...

... de pessoas que encontram condições justas nos locais onde vivem e trabalham,

... de uma sociedade onde homens e mulheres são tratados com igualdade e têm os mesmos direitos,

... de uma política que crie a estrutura para uma convivência livre, pacífica, justa e democrática,

... de um mundo do trabalho onde todas as pessoas podem desenvolver as suas capacidades,

... de uma economia que tem as pessoas como ponto central.

Junte-se a nós, juntos somos fortes!

Quanto mais os membros confiarem nos sindicatos sociais cristãos na Europa, melhor nos poderemos impor no diálogo social. Quanto mais conselhos de empresa, representantes de trabalhadores e conselhos de jovens nos apoiarem, mais forte nossa voz se tornará. Mesmo na era digital, queremos um bom trabalho, uma coexistência de velhos e jovens e vemos a coesão social como a chave para a viabilidade futura de uma sociedade!

BLOCO 36: Paz

Foi um dos acontecimentos mais espetaculares da história do Pop: A 1 de junho de 1969, John Lennon e Yoko Ono juntaram-se aos convidados no seu quarto de hotel para cantar uma música: “Give Peace a Chance”. Quem diria que na primavera de 2022 – após 75 anos de paz nos estados-membros da União Europeia – iríamos ver novamente uma guerra na Europa?

Na longa história da Humanidade, as guerras foram travadas por dois propósitos: Atrair pessoas para trabalhar ou adquirir matérias-primas (incluindo terras). O autor alemão Gero Jenner descreve-o da seguinte forma: Ao longo de séculos, o primeiro tipo de guerra desempenhou um papel dominante. A agricultura grega, como a de Roma, foi sustentada por trabalho escravo. Em média, eram necessários quatro escravos para

pagar a manutenção de um único grego livre. Esta dependência do trabalho forçado verificou-se também na economia do algodão no Sul dos EUA até meados do século XIX. Povos inteiros foram sequestrados e subjugados para que pudessem ser usados como máquinas vivas em plantações e minas. O Homem tem vindo a ser substituído por máquinas desde o início do século XIX. Em última análise, esta parece ser a razão decisiva para o fim desta forma de guerra. As formas de guerra pela obtenção de matérias-primas que garantem a continuidade da existência das máquinas e do seu uso industrial são mais atuais. Estes cenários são ainda mais potencializados pelas alterações climáticas, onde regiões inteiras do nosso planeta estão a tornar-se cada vez mais hostis à vida (falta de água). Por isso, no futuro, as guerras podem ameaçar as bases da vida! Nas últimas décadas, o “equilíbrio do terror” – a possibilidade de usar bombas atômicas – ofereceu uma linha divisória clara entre o tempo de antes de Hiroshima (1945) e depois. É verdade que as possíveis razões para uma guerra estão tão presentes hoje quanto no passado, mas a agressão humana e a disponibilidade para a guerra não são menos virulentas do que no passado. Mas uma guerra com armas nucleares não deixaria vencedores nem vencidos, mas um planeta praticamente inabitável para os seres humanos. As guerras foram travadas enquanto houvesse uma hipótese razoável de as vencer, caso contrário, seriam atos de insanidade”.

Neste contexto, torna-se claro que a paz deve ser mais do que a mera ausência de guerra. Existe apenas uma alternativa para o fim iminente da história da Humanidade no planeta Terra: uma política de paz!

Só quando sentirmos que a paz e a renúncia à violência não são apenas política, mas que tem em mente cada pessoa aqui e agora, podemos começar, todos os dias. “A paz não é o destino, mas a nossa missão, assim como a guerra é o nosso fracasso”, escreve o jornalista alemão Franz Alt. Como valor social cristão, devemos praticar a não-violência. Para isso, devemos identificar a violência, ou seja, ver através das estratégias verbais astutas usadas para justificar a violência e a guerra. Hoje, sabemos que

nenhuma guerra resolve conflitos. Sabemos, sim, que as negociações resolvem conflitos. Não mais, nem menos. Trata-se da eliminação permanente da violência através da aceitação dos direitos individuais das pessoas, dos géneros, gerações, culturas e criaturas. Descobrir e seguir a paz como último objetivo neste mundo finito é a promessa e a tarefa.

POSFÁCIO

Na maior parte dos casos, as brochuras são impressas em papel bonito. Mas o papel é paciente e, por isso, muitas vezes elas seguem uma via sentido único: “aplaudir e arquivar” é o lema. Depois de aplaudidas pela sua publicação, vão diretamente para a gaveta até chegarem à reciclagem de papel.

Quando as perguntas sobre “valores” comuns das nossas organizações membros com o título “cristão-social” passaram a surgir com mais frequência nos seminários do EZA, ficou claro rapidamente que há apenas uma grande coisa em comum na Europa, ou seja, que somos completamente diferentes!

Tantas línguas, tantas culturas, só isso torna este continente tão especial e apelativo. Ao mesmo tempo, não são possíveis brochuras de “Tamanho único” que sirvam a todos. Então, surgiu a ideia de oferecer uma ferramenta com “blocos de construção”, neste caso 36 blocos.

Há muito tempo que o nosso mundo moderno se transformou num estaleiro de obras. Se a nossa sociedade está a mudar a uma velocidade vertiginosa, então a “doutrina social cristã”, a que se refere a esta mesma sociedade, não pode permanecer estática, mas deve ter como referência a essas mudanças e ruturas.

Para isso, o método oferecido por Joseph Cardijn, os três passos: VER - JULGAR - AGIR será, certamente, muito útil. Ao mesmo tempo, Cardijn afirma: “A vossa vida é o quinto Evangelho”. Ou seja, não se trata de utilizar todos os 36 blocos de construção, mas de encontrar a combinação adequada para a respetiva situação. Com certeza, a utilização dos blocos de construção em Espanha será diferente da utilização na Polónia, nos Países Baixos, na Itália, etc.

Para concluir, o mais importante: Os blocos de construção são muito mais intervenções do que soluções de resolução. Pretendem ajudar a “abrir brechas”. Várias vezes, no curso da história, os sistemas culturais, políticos ou religiosos fecharam-se de uma forma tão hermética que as pessoas já não conseguem acreditar que seja possível mudar alguma coisa.

Manter viva esta crença de que, se nos organizarmos, podemos fazer a diferença é uma tarefa central de todo movimento sindical e de trabalhadores. Ainda que, por vezes, soe “quixotesco”, porque a frase “O dinheiro governa o mundo” se tornou demasiado abrangente.

Os blocos de construção deste folheto podem ajudar a garantir que esta ideia permanece viva e seja concretizada em todas as organizações membros do EZA. Foram resumidos o mais possível e pretendem apenas conferir uma ideia. Pretendem inspirar de forma a que, nas respetivas organizações, venha sempre à tona a fundação constituída por valores que todos defendemos.

Neste sentido, nos últimos anos aprendemos que não são só os vírus que são infecciosos, também as ideias e crenças.

Bom trabalho com os blocos de construção,

Andreas Gjeca

SOBRE O AUTOR

Andreas Gjecaj

Secretário-Geral da Fração de Sindicalistas Cristãos (FCG) da Confederação Sindical Austríaca (ÖGB)

Nasceu em 1957 em Maribor, na Eslovénia, filho de uma família de ourives de prata albanesa cristã que emigrou para a Áustria no ano de 1957. Após concluir a formação profissional, foi ourives de ouro e prata durante cerca de 10 anos. Tem formação em canto e foi membro do Jazz Café “Triangel”. Em seguida, realizou atividades como secretário diocesano e federal do Movimento de Trabalhadores Católicos (KAB) na Áustria. Na década de 1990 foi também Vice-Secretário-Geral da Ação Católica de Steiermark. Presidente do Conselho de Empresa da Diocese de Graz-Secau. Em 2006 transferiu-se para a Confederação Sindical Austríaca – ÖGB, como secretário-geral da Fração de Sindicalistas Cristãos (FCG na ÖGB); Membro da Direção e da Direção Federal da ÖGB; Membro da equipa editorial “Work & Economy” da AK/ÖGB; Revista da FCG “Vorrang Mensch” (Primazia do ser humano)

Gjecaj escreveu e colaborou com inúmeras moções, publicações, artigos sobre diálogo, o futuro do trabalho, digitalização, o Pilar Europeu dos Direitos Sociais e muito mais: Nova edição do programa de base da KAB (2001) e FCG (2009). A nível da Áustria: Colaboração na equipa de campanhas “Gute Arbeit” (bom trabalho) e na criação da “Allianz für den freien Sonntag” (aliança para o domingo livre); nova edição da publicação da ÖGB/AK: “Christliche Soziallehre” (Doutrina social cristã).

Casado desde 1982, três filhos adultos, cinco netos; trabalha em Viena e vive em Kalsdorf, perto de Graz, na Áustria.

BIBLIOGRAFIA

KRIFA: Breve relatório sobre o seminário “Sindicatos – ator independente e consciente de valores na estrutura política”, em cooperação com o EZA, financiado pela União Europeia, Valência, Espanha, fevereiro de 2022

RIEDLSPERGER, Alois: Dossier da Academia Social Católica Austríaca – ksoe; “Baustelle: Soziallehre”, Viena, 2008

SECÇÃO 1 – VER

PRISCHING, Manfred: “Wirkliches, Wichtiges, Vergängliches” – Ensaio em: Kleine Zeitung, Graz 2022

INTERDIÖZESANER KATECHETISCHER FONDS (Editor): Die Bibel – Einheit-sübersetzung der Heiligen Schrift, Klosterneuburg 1980

ZULEHNER, Paul Michael: Christen in der Arbeitswelt; ÖGB-Verlag, Viena 2011

SEDLACEK, Tomas: Die Ökonomie von GUT und BÖSE, Hanser, Munique 2012

GRUBER, Reinhard P.: Anders denken, Literaturverlag Droschl, Graz – Viena 2020

LIESSMAN, Konrad Paul: Ensaio em: Kleine Zeitung, Graz 2021

BLOM, Philipp: Ensaio em: Kepler Tribune, Universidade de Linz, 2021

TÖNNIES, Ferdinand: Ensaio em: Kepler Tribune, Universidade de Linz, 2021

KAHLWEIT, Cathrin: Ensaio em: Kepler Tribune, Universidade de Linz, 2021

PRECHT, Richard David: Von der Pflicht, Goldmann, Munique 2021

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm: Aurora: Reflexões Sobre os Preconceitos Morais, 1881

ZULEHNER, Paul Michael: Apresentação no seminário inicial do EZA, Viena, novembro de 2021

KASTNER, Heidi: Dummheit, Kremayr & Scheriau, Viena, 2022

SLOTERDIJK, Peter: Den Himmel zum Sprechen bringen, Suhrkamp, Berlim, 2020

SECÇÃO 2 – JULGAR

FRAÇÃO DE SINDICALISTAS CRISTÃOS: “Wir leben Werte” – Programa de base da FCG, Viena, 2009

GJECAJ, Andreas: “Das sind wir!”, Brochura da FCG Áustria, Viena, 2021

GJECAJ, Andreas: “Modelle für Aktivistenrunden zum Sozialhirtenbrief”, Edição da KAB-Steiermark, Graz 1990

GJECAJ, Andreas, GOSCH, Franz: “Soziallehre-Fahrplan!”, Brochura da FCG Áustria, Viena, 2020

ÖZA: Relatório breve do seminário “KGZE (Conferência para cooperação sindical na Europa) 1989-2019: Sindicatos e Política – Passado e Futuro de uma Europa Social”, em cooperação com ZD NSi (Združenje delavcev Nove Slovenije) e EZA, com o apoio da UE, Ljubljana, Eslovénia 2019

KLEIN, Norbert: Debate sobre a rota da doutrina social, subsidiariedade, EZA, 2020

CONFERÊNCIA EPISCOPAL (Ed.): “Por uma normalidade espiritualmente renovada”, Carta pastoral dos bispos católicos da Áustria, 2020

PAPA GREGÓRIO MAGNO: Regula Pastoralis

BISPO JOHANN WEBER: Homilia no “Dia de Steiermark” 1993

TÜRCKE, Christoph: Digitale Gefolgschaft – Auf dem Weg in eine neue Stammesgesellschaft, C.H. Beck, Munique 2019

SCHÜSSEL, Wolfgang: “Was. Mut. Macht.”, Ecowin Verlag, Salzburg-Munique 2020

ZULEHNER, Paul Michael: Discurso no “Weizer Pfingstvision”, Weiz 2020

STROLZ, Matthias: “Kraft & Inspiration für diese Zeiten”, story.one, 2020

PAPA FRANCISCO: Encíclica “Laudato si’”, St. Benno Verlag, Leipzig 2015

LIKAR, Rudolf, PINTER, Georg, JANIG, Herbert: “Bereit für das nächste Mal”, edition a, Viena 2020

SECÇÃO 3 – AGIR

SCHEIBER, Ernst, CEIPEK, Kurt: Josef Riegler – Zukunft als Auftrag, Verlag DTW Zukunfts PR, Mauerbach 2013

MAYER-SCHÖNBERGER, Viktor, CUKIER, Kenneth: Big Data, Redline Verlag, München 2013

LIESSMANN, Konrad Paul: Apresentação sobre digitalização na conferência estadual da ÖVP, Viena 2016

LEITANRTAG der FCG: Parlamento Federal, Viena 2018

BROCHURA da 2.ª Assembleia Ecuménica Europeia: Versöhnung – Gabe Gottes und Quelle neuen Lebens, Graz 1997

FLECHTHEIM, Ossip K.: Ist die Zukunft noch zu retten?, Hoffmann e Campe, Hamburgo 1987

MÜLLER, Henrik: Die sieben Knappheiten – Wie sie unsere Zukunft bedrohen und was wir ihnen entgegensetzen können, Campus Verlag, Frankfurt am Main 2008

ENZENSBERGER, Hans Magnus: Die große Wanderung, Suhrkamp, Berlin 1994

DITFURTH, Hoimar: So lass uns denn ein Apfelbäumchen pflanzen. Es ist so weit, Knaur, Munique 1985

ZULEHNER, Paul Michael: Christen in der Arbeitswelt, ÖGB-Verlag, Viena 2011

SEDLACEK, Tomas: Die Ökonomie von GUT und BÖSE, Hanser, Munique 2012

GRONEMEYER, Reimer: Die Entfernung vom Wolfsrudel – Über den drohenden Krieg der Jungen gegen die Alten, Claassen, Düsseldorf 1990

GRONEMEYER, Reimer: Die 10 Gebote des 21. Jahrhunderts – Moral und Ethik für ein neues Zeitalter, Econ Verlag, Munique 1999

SAFRANSKI, Rüdiger: Romantik – Eine deutsche Affäre, Hanser, Munique 2007

CONTZEN, Angela C.: Die Symbole des Westens – Von Bildern, die unser Denken prägen, Scorpio Verlag, Berlin – Munique 2010

ACADEMIA SOCIAL CATÓLICA DA ÁUSTRIA (Ed.): Sozialwort des Ökumenischen Rates der Kirchen in Österreich, Viena 2004

PAPA JOÃO PAULO II: Encíclicas “Centesimus annus” e “Familiaris consortio”

ALT, Franz: Frieden ist möglich – Die Politik der Bergpredigt, Piper, Munique 1983

JENNER, Gero: Das Ende des Kapitalismus, Fischer, Frankfurt am Main 1999

ALTNER, Günter: Die große Kollision – Mensch und Natur, Verlag Styria, Graz 1987

SÖLLE, Dorothee, SCHOTTROF, Luise: “Den Himmel erden”, dtv, Munique 1996